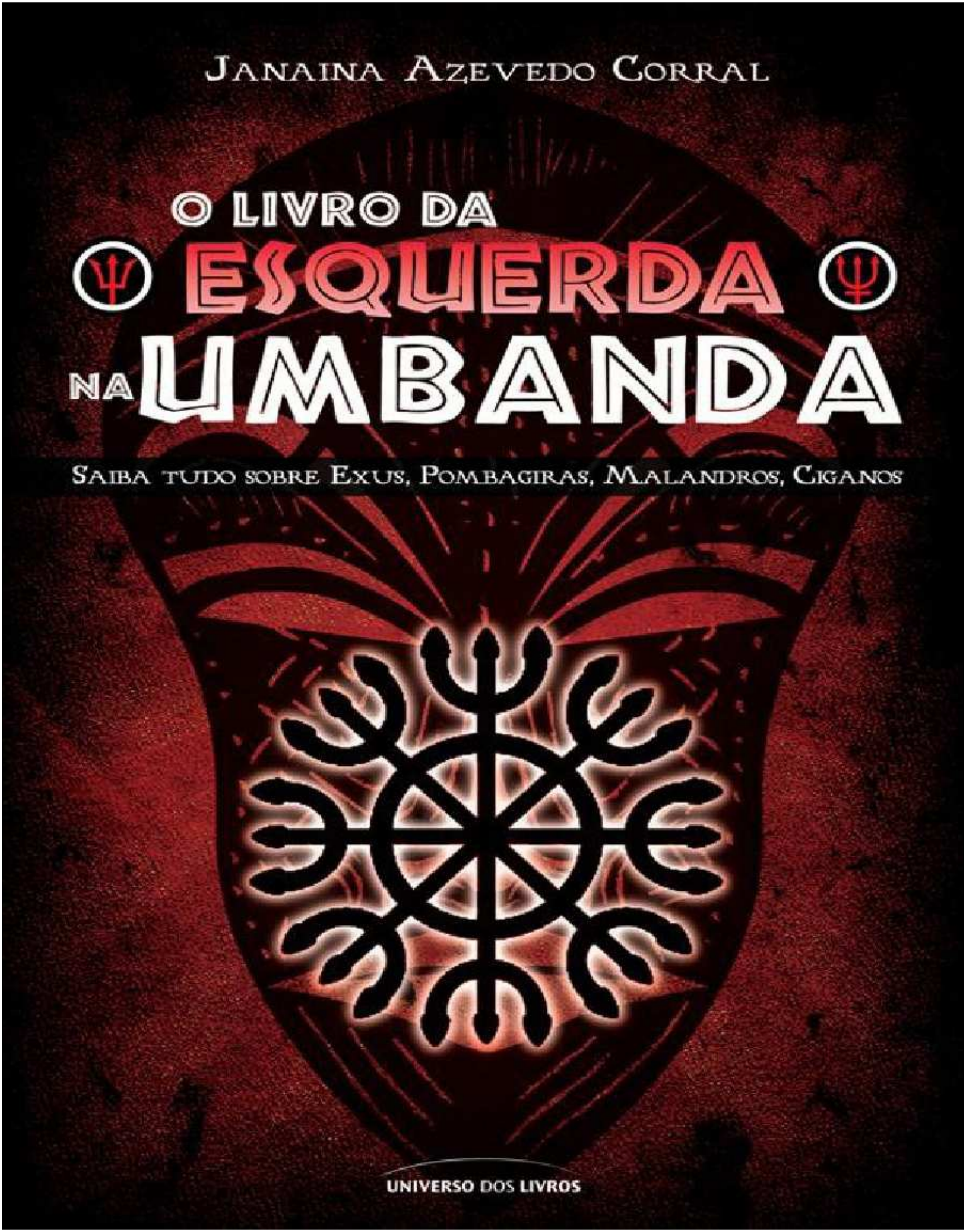
JANAINA AZEVEDO CORRAL

O LIVRO DA ESQUERDA NA UMBANDA

SAIBA TUDO SOBRE EXUS, POMBAGIRAS, MALANDROS, CIGANOS



UNIVERSO DOS LIVROS

O LIVRO DA ESQUERDA NA UMBANDA

SAIBA TUDO SOBRE EXUS, POMBAGIRAS, MALANDROS, CIGANOS



Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Haddock Lobo, 347 • 12º andar • Cerqueira César
CEP 01414-001 • São Paulo • SP
Telefone: (11) 3217-2600 • Fax: (11) 3217-2616
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

JANAINA AZEVEDO CORRAL

O LIVRO DA ESQUERDA NA UMBANDA

SAIBA TUDO SOBRE EXUS, POMBAGIRAS, MALANDROS, CIGANOS



SÃO PAULO
2010

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2010 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial
Luis Matos

Assistente Editorial
Talita Gnidarchichi

Preparação
Jaqueline Carou

Revisão
Fernanda Fonseca

Arte
Noele Vavalle
Stephanie Lin

Capa
Jorge Godoy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A994b Corral, Janaína Azevedo.

O Livro da Esquerda na Umbanda / Janaina Azevedo Corral. – São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
128 p.

ISBN 978-85-7930-129-2

1. Umbanda. 2. Religião I. Título.

CDD 299.67

À minha Pombagira Cigana, Yovenka.
Ao meu Exu, Tranca Rua.
Ao "Seu" Lalu e a todos os Exus que regem, abençoam
e trazem riquezas para cada um de nós.

Exu mojubara lonan odara.

Laroyê, Exu!

Palavra da autora

Neste livro, eu tenho mais a agradecer que qualquer outra coisa. Este é o meu sexto livro, e estou muito feliz que tenha chegado até aqui com o apoio da minha família, da Universo dos Livros, minha editora, e, principalmente, de todas as pessoas da religião que têm recebido minhas palavras de braços abertos e com muito amor e carinho. Esse é o fato de eu só ter o que agradecer. Tenho de agradecer aos Orixás pela inteligência que me deram, à minha família pelo apoio e pela educação, aos meus professores e colegas que me ajudaram a construir um texto conciso e bem-feito e a todas as pessoas que, até o momento, colaboraram com a construção deste livro.

Este esforço, esta necessidade de escrever sobre as religiões afro-brasileiras, especialmente nesta série, sobre a Umbanda, tem sido um empreendimento valioso em termos de conhecimento. Quando você transmite o conhecimento que possui, tudo se torna mais claro, esse ato de doar-se traz leveza.

É por isso que agradeço.

Toda e qualquer literatura só existe no momento em que o leitor influencia na escrita e faz o autor tomar o rumo necessário para continuar.

***

Falando especificamente sobre o livro: este é mais polêmico que aqueles que eu habitualmente escrevo. É um livro que tenciona reunir todo o conhecimento religioso sobre um tema relacionado, na Umbanda, a entidades como Exu, Pombagira, Malandros e outros.

Ele é polêmico porque dentre estas entidades estão as mais diversas manifestações da Umbanda e, neste tema se encontram as divergências, por exemplo, entre a Umbanda e o Candomblé e a Umbanda e o Catolicismo.

No Candomblé, como falaremos a seguir, Exu é um orixá, sua natureza é divina. Ele rege a materialidade e a sexualidade. Já no Catolicismo, tudo que é regido por Exu é classificado como “pecado”, portanto, quanto mais próximo do Catolicismo e do Cristianismo, mais a figura de Exu e da Pombagira aproximam-se do diabo, o senhor de tentações e sortilégios.

Essa discussão se estende de maneira indelével adiante. Este livro tenciona apresentar essa discussão, entender por que eles são chamados de “esquerda” por meio

de fatos e não de “achismos” e, ainda, fazer um breve índice das entidades mais conhecidas no Brasil.

As palavras com que encerro esta seção são as mesmas com que encerrei as das outras obras: espero que este livro seja de ajuda para novatos, leigos curiosos, sacerdotes e pesquisadores. E, como autora, testemunha de que o melhor aprendizado vem com o diálogo, estou sempre à disposição do leitor. Qualquer tipo de comunicação pode ser direcionada a mim (*janaina.azevedo@gmail.com*) ou ao site *www.casadejanaina.com*.

Introdução

A condição de Exu na Umbanda, tanto como orixá quanto como espírito, condiz com a figura do mensageiro, do "Povo de Rua", e é bastante controversa. Nas casas mistas e na Umbanda de Nação, ele é cultuado como Orixá, mas, na Umbanda tradicional, é tratado como espírito, a serviço dos falangeiros, mas pouco evoluído, ligado à materialidade e ao mundano. Assim, esta é uma das entidades mais controversas, pois, dados o seu caráter de ação material e sua natureza fanfarrona e vingativa, Exu foi tomado em sincretismo, pelo Diabo. Essa associação fica explícita em trecho de canções como:

A porteira do Inferno estremeceu
E o povo corre para ver quem é
É a Rainha Pombagira
"Seu" Tranca-Rua, Sete Encruza e Lúcifer.

Todos os nomes citados são relacionados a Exu e sua atuação, exceto o de Lúcifer, o Anjo caído precipitado aos Infernos no Gênesis da Bíblia Católica. Outro fator que colabora para essa visão são os instrumentos de Exu Orixá: o ogó (uma espécie de porrete, com forma fálica, com o qual Exu protege as Encruzilhadas e pune aqueles que violam suas normas) e os tridentes (associados com o tridente com o qual o Diabo castiga as almas no Inferno, mas que, na verdade, nada mais é que a simbologia dos caminhos de Exu, os milhares de caminhos para onde ele pode ir).

Exu Orixá, na Umbanda, tem um culto muito restrito. As entidades que servem a seus fins, Exus de Rua e Pombagiras, é que acabam por realizar suas funções. Na Umbanda, não se manifesta o próprio Orixá, mas sim seus mensageiros, espíritos que vem a terra para orientar e ajudar. Quando incorporam, alguns se caracterizam com capas, cartolas, bengalas (masculinos), e saias rodadas, brincos, pulseiras, perfumes e flores (femininos, também chamados de Pombagiras). Não é necessário, contudo, que os médiuns se valham dessas vestimentas e artifícios para Exu. Cada terreiro trabalha de uma forma diferente, alguns centros uniformizam a roupa dos médiuns, onde todos vestem branco, por exemplo.[1]

Encontramos aqueles que creem que os Exus são entidades (espíritos) que só fazem o

bem, e outros que creem que eles podem também ser neutros ou maus. No entanto, a maioria das pessoas, e até mesmo dos médiuns e dirigentes, não têm uma ideia muito clara da natureza da(s) entidade(s), quase sempre, por falta de estudo da religião.

Os Exus não devem, portanto, ser confundidos com os obsessores, apesar de ficarem sob o seu controle e comando os espíritos atrasadíssimos na evolução e que são orientados por eles para a caridade e o trabalho do equilíbrio. Há algumas diferenças na maneira de ver Exu no Candomblé e na Umbanda. No primeiro, Exu é como os demais Orixás, uma personificação de fenômenos naturais.[2]

Já a Umbanda vê os Exus não como deuses, mas como uma entidade que busca iluminação por meio da caridade. Em síntese, o grande agente mágico de equilíbrio universal.

É preciso dizer, também, que os trabalhos malignos (os tão famosos "pactos com o diabo") para prejudicar seriamente algo ou alguém, por exemplo, não são acordos feitos com os Exus, mas com os *Kiumbas* que agem de maneira inescrupulosa e oculta e que não estão sob a orientação de nenhum Exu, fazendo-se passar por um deles, atuando em terreiros que não praticam os fundamentos básicos da Umbanda.

Os Exus são confundidos com os *Kiumbas*, mas esses últimos são, na verdade, espíritos trevosos ou obsessores, desajustados perante a Lei, que provocam os mais variados distúrbios morais e mentais nas pessoas, desde pequenas confusões, até as mais duras depressões. São espíritos que se comprazem com a prática do mal, apenas por sentirem prazer ou por vinganças, calcadas no ódio doentio. Esses espíritos, que usam indevidamente o nome de Exu, procuram realizar trabalhos de magia dirigida contra os encarnados. Na realidade, quem está agindo é um espírito atrasado. É justamente contra as influências, o pensamento doentio desses feiticeiros improvisados, que entra em ação o verdadeiro Exu, atraindo os obsessores, cegos ainda, e procurando trazê-los para suas falanges, que trabalham visando à evolução.

É necessário também falar um pouco sobre a Pombagira, uma entidade feminina que trabalha na Umbanda na Linha de Esquerda e é quem tem, em sua atuação central, a sexualidade e a magia. Sua natureza é bastante extrovertida, e elas trabalham com seriedade e ética, sendo, por vezes, ainda melhores que os Exus para alguns assuntos, especialmente relacionados a casamento e família, já que não raro foram mães e filhas que aprenderam de forma dura a dar valor a isso.

Por que Esquerda?

Por que falamos em Esquerda, na Umbanda? Qual a relação entre isso e as posições relativas com que o cérebro compreende as posições espaciais no mundo? A resposta é simples: TUDO.

Para falar disso, devo, como autora, relembrar uma situação interessante que vivi alguns dias atrás: tenho uma ex-aluna (já fui, durante onze anos, professora de inglês, português e literatura) que tem uma priminha, com uns 7 anos. Estava conversando com a Mariana e a priminha dela se aproximou perguntando: *"Qual é minha mão direita?"*, e a Mariana, desavisada, *"Ora, Samantha, é a mão com que você escreve"*. Foi o pior erro que ela podia ter cometido: *"Mas, Mari, a professora disse que eu escrevo com a esquerda, mas todo mundo diz que a mão direita é a mão com que a gente escreve, então, como eu posso ter direita e esquerda na mesma mão?"*.

A história pode ser um pouco simplória, mas é o perfeito exemplo do que é a esquerda na Umbanda; algo que as pessoas criam milhares de explicações comparativas – isto é, explica-se algo com base em outra – mas nunca conseguem explicar conceitualmente ou por definição.

A associação do termo direita e esquerda à Umbanda, assim, pode ser interpretada de três formas: a humana, vinculada ao uso da direita e da esquerda, e as implicações religiosas disso; a histórica e a política.

No âmbito religioso, contudo, havia outros tipos de implicações: se, durante uma missa católica, uma pessoa fizesse o sinal da cruz com a mão esquerda e não com a direita, ela era uma bruxa e estava saudando o demônio, e não a Deus. Se um padre abençoava o pão e o vinho com a mão esquerda, aquela era uma missa negra e aquele sacerdote tinha vendido sua alma ao demônio. Se, ao confessar ser uma bruxa, uma mulher utilizasse a mão esquerda, ela tinha mentido para se salvar e estava ainda com o demônio em seu corpo – era praticamente aceitar uma sentença de morte.

Esse tipo de mitologia se propagou. No Catolicismo popular, por exemplo, isso deu origem a casos peculiares. Um deles, diretamente relacionado a isso, relata que, em certas partes do Brasil, um dos nomes do Diabo católico seja "O Canhoto", remetendo a sua natureza "de esquerda".

Embora essa explicação pareça a muitos a mais plausível, há também alguns fatos históricos que remetem ao uso do nome "esquerda" para as entidades como Exu, Pombagira, Malandros e outros.

Quando falamos em política, a esquerda é aquela que defende mudanças radicais para criar uma sociedade mais igualitária. No entanto, entender o que significa uma sociedade igualitária é algo mais complexo: para a Esquerda, o Estado (como representação coletiva) deve ser forte, deve haver igualdade de renda (por meio da intervenção do Estado na economia, se necessário) e a vontade do povo deve estar acima da Lei. Já para a Direita, a economia deve seguir de acordo com as necessidades

de mercado (liberalismo econômico, baseado nas leis da oferta e da procura), o Estado existe para orientar e não para decidir, assim, cada indivíduo é responsável por si e a Lei sempre está acima da vontade do povo.

As consequências religiosas disso são diversas: a Esquerda é vista como mais controladora, intervencionista, capaz de fazer coisas extremas e de julgamentos muito mais radicais. Para a Esquerda, então, haveria causa e consequência: se você faz algo, deve pagar por isso, enquanto a Direita, aparentemente, é mais consoladora. São muitas as implicações e as similaridades com os alinhamentos políticos.

Para entender melhor como na política esse termo foi cunhado, basta saber que ele surgiu durante a Revolução Francesa, em referência à disposição dos assentos no parlamento; o grupo que ocupava os assentos da esquerda apoiavam as mudanças radicais da Revolução, incluindo a criação de uma república e a secularização do Estado, isto é, o distanciamento da Igreja, mantendo o estado laico e a religião livre.

Mais tarde, surgiu um conceito distinto de esquerda política, no movimento que ficou conhecido como a Revolta dos Dias de Junho, em 1848, quando falar de esquerda passou a definir vários movimentos revolucionários na Europa, especialmente socialistas, anarquistas e comunistas.

Em todos os casos, a esquerda sempre é a parte mais controversa, polêmica e complexa da questão, geralmente é associada a mudanças, quebra de paradigmas, de conceitos e de dogmas, entre outras coisas. Na Umbanda, isso não é muito diferente.

A Esquerda e a evolução espiritual

Tempos atrás, escrevi um artigo denominado *Controvérsias sobre a Incorporação: Entidades, Orixás, Reminiscências do Cristianismo e as Relações com os Seres Humanos*, no qual acabei discutindo o papel das entidades que incorporam na Umbanda. Prioritariamente, minha discussão se encerrava entre Orixás e entidades da chamada "Direita". Mas, os mesmos valores podem – e devem – ser discutidos no que tange à Esquerda. Adaptei o artigo e confeccionei esta parte do livro a partir dele.

Muito se discute sobre que tipo de entidade vem à Terra. Alguns dizem que são as entidades mais evoluídas. Outros dizem que são aquelas que estão começando a entrar no nível do divino; já nas crenças africanas, acredita-se que o processo de incorporação é feito pelos deuses, pelos Orixás, pois no momento em que nascemos, a energia deles passa a habitar dentro de nós.

As negativas, debates e embates acerca desse assunto geram as mais diversas controvérsias, que vão desde o papel das entidades e dos Orixás, a sua forma, até as suas relações hierárquicas. Um bom exemplo disso é a seguinte citação, retirada da *internet*:[3]

Os Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças, que fazem parte da chamada Corrente Astral de Umbanda, trabalham dentro de uma das Sete Linhas de Umbanda [...] Os Caboclos que trabalham nos terreiros são das seguintes linhas: Orixalá (estes não incorporam, somente passam vibrações), Ogum, Oxossi, Xangô e Yemanjá; os Pretos-Velhos são da Linha de Yorimá;e as Crianças da Linha de Yori.
Nos terreiros, em geral, trabalha-se com Protetores de 5º, 6º e 7º Grau. Para se trabalhar com Guia (4º Grau) é exigida muita experiência e devoção por parte do médium. Raras (praticamente impossíveis) são as incorporações de Orixás Menores (1º, 2º e 3º Grau), que necessitam de um médium muitíssimo preparado, corrente mediúnica segura, um terreiro limpo no físico, astral e mental, e ausência de obsessores até mesmo vindo da assistência. É impossível a incorporação de Orixás Maiores.

Trechos desse artigo revelam algumas visões recorrentes e comuns na Umbanda, que, além de gerarem grandes preconceitos com relação a outras religiões – especialmente de matriz africana – generalizam fatores que não podem ser generalizados. Um primeiro problema é caracterizar entidades de acordo com a linha e não de acordo com outras circunstâncias, como a natureza do médium, que tipo de missão aquela entidade tem, qual o tipo de vibração que é da própria natureza da entidade etc. No caso da Esquerda, o problema torna-se ainda maior, porque esse tipo de pensamento aliado à natureza que Exus e Pombagiras regem, faz que eles sejam tomados por *kiumbas*, entidades sem

qualquer iluminação e até mesmo baixas e sem moral, ética ou valores, quando, na verdade, as entidades da Esquerda na Umbanda são espíritos em busca de evolução e compromissados com a espiritualidade superior. Eles trabalham no âmbito do perdão e da misericórdia, e suas regências estão relacionadas à ação e à reação, à fé e ao caminho do equilíbrio, assim como qualquer um Preto-velho ou Caboclo.

A exemplo disso, tomarei o Exu Veludo, para exemplificar como analisar essa entidade e entender sua atuação, sua relação com os Orixás e o médium e a maneira como ele se manifesta.

Esse Exu vem, normalmente, em filhos de Xangô, mas também pode se manifestar em filhos de Ogum, diferindo um pouco em seu ponto, mas com características muito semelhantes.

Seu ponto tem características muito importantes: são três tridentes curvos na parte de cima do meio do círculo do ponto, demonstrando a *finesse* de sua riqueza, associada a Xangô; dividindo ao meio dois tridentes retos, símbolo dos caminhos da rua; na base, uma espiral, mas não única, há mais duas, menores, na parte de cima do círculo – elas são uma das representações da coroa, da realeza, também proveniente de Xangô – uma cruz do lado esquerdo do ponto, mostrando que é um Exu ligado, em geral, à morte e às demandas do espírito, pois Xangô abomina a morte, seu mensageiro o defende dela, e um nó desatado do lado direito mostrando as demandas vencidas, sobre as quais prevaleceu seu poder.



Figura 1.: *Símbolo do Exu Veludo.*

Em geral, seu ponto é:

Exu da meia-noite,
Exu da Encruzilhada,
No terreiro de Umbanda,
Sem Exu não se faz nada.

Ninguém pode comigo,

Eu posso com tudo,
Na minha encruzilhada,
Eu sou Exu Veludo.

(resposta)
Ninguém pode com ele,
Ele pode com tudo,
Lá na encruzilhada,
Ele é Exu Veludo.

Como se pode ver, o ponto confirma precisamente aquilo que foi escrito no ponto riscado. Não é tão completo, pois certas informações só devem chegar a quem precisa sabê-las e não a quem quiser ouvir. Assim, basta analisar o ponto para ver que ele vence na demanda e na encruzilhada ou no terreiro ele fala em nome de Xangô.

Por último, seu brado costuma ser intenso como o de Xangô, terminando numa grave gargalhada. Seu nome também mostra sua realeza, a quem ele representa e de quem é mensageiro.

Sua indumentária, em geral, é uma capa de veludo vermelho (vermelho da realeza, herdado de Xangô), recobrindo o peito nu. Por vezes, também pede uma cartola. É um dos poucos Exus que pede para não ser servido com *marafo,* mas com *gin* e por vezes *whisky*. São notórios os traços da boemia requintada em seus gestos e atos, é sempre muito conquistador e gentil com as mulheres.

Traz em suas mãos um tridente curvo e, por vezes, um Oxê, de seu orixá, Xangô, na outra mão. Tudo isso mostra quem ele é e fornece a segurança aos seus atos. Como este, existem tantos outros casos.

Como pudemos ver, há pequenos fatores que, uma vez identificados, ajudam a perceber a real natureza de uma entidade que desenvolve, em conjunto com um médium, seu trabalho mediúnico.

Esses fatores podem ser resumidos em algumas perguntas:

1. A que orixá aquela entidade responde/obedece, naquele médium?

Para responder essa pergunta, é importante saber, primeiramente que toda pessoa é formada pela junção de sete Orixás que combinam suas características mais diversas para nos dar vida e personalidade. Essa junção é representada por uma forma mística, o Septagrama ou Heptáculo, isto é, a Estrela de Sete Pontas. Veja a imagem:



Figura 2.: *Estrela de Sete Pontas.*

O primeiro Orixá de cada pessoa é aquele que nos rege, e ele pode ser feminino ou masculino. Governa a cabeça, a coroa, o ser. Ele é a principal fonte da nossa personalidade.

O segundo Orixá, em geral, tem a essência oposta à do primeiro no que concerne ao gênero. Assim, se a pessoa tem um orixá masculino no primeiro posto, terá um feminino no segundo. Se tem um feminino no primeiro, terá um masculino no segundo. São raros, mas não impossíveis, os casos em que uma pessoa pode ser regida por dois orixás de mesma essência, o que não caracteriza nenhuma anormalidade ou coisa errada, apenas diferença entre as pessoas. O Orixá do segundo posto é o que rege a natureza de cada um, aquilo que somos no mais íntimo.

O terceiro Orixá é o que conhecemos por Juntó. A maioria dos médiuns só conhece até esse Orixá. Busca-se além mediante necessidade, por saúde, por outro motivo ou sacerdócio – afinal, para cuidar de outras pessoas, é essencial conhecer a si mesmo. A partir daqui, os Orixás já não têm muito parâmetro relacionado ao gênero, isto é, podem conter essência feminina ou masculina. Esse posto rege o comportamento, isto é, o que somos para as outras pessoas.

O quarto Orixá rege a saúde, bem como o quinto rege a família, e o sexto rege o trabalho.

A sétima posição, obrigatoriamente, cabe sempre a Exu. Ele é o senhor de tudo quanto é mundano e material. Seja um Exu feminino ou Pombagira, ou um Exu masculino, Eleguá, ele sempre regerá tudo quanto for mundano em nossas vidas, mantendo o equilíbrio.

A cada um dos Orixás corresponde uma entidade. Entre o terceiro e o sexto Orixás, as entidades podem se alternar, mas certas posições acabam sendo fixas. O primeiro Orixá é quem determina o Guia, ou a entidade responsável pela Coroa do Médium. O segundo Orixá é o que normalmente delimita a natureza do Erê ou Criança do médium, representa a natureza daquele espírito, o que é o mais puro e intocado. E o sétimo posto é sempre de uma entidade vinculada a Exu, isso quando não um casal de Exu: macho e fêmea, o que é até mais comum. Assim, a estrutura se organiza da seguinte forma:



Figura 3.: *Estrutura dos Orixás.*

2. Qual a hierarquia que aquela entidade desempenha, dentre as demais entidades daquele médium?

O Guia é a entidade que primeiro responde pelo médium. Daí em diante, segue-se uma cadeia de seis postos, nos quais se organizam as entidades, de acordo com:

a. os orixás a quem obedecem;
b. seu grau evolutivo;
c. os aspectos da vida do médium que regem;
d. suas próprias características.

3. Qual a energia daquela entidade?

Qual o tipo de energia com que aquela entidade mais trabalha? Cura? Paz interior? Justiça? Batalha? Verdade? Materialidade? Trabalho?

Respondida essa questão, fica-se mais próximo de entender em que linha aquela entidade realmente atua.

4. Outros fatores

Outros fatores que também devem ser levados em consideração:

a. O título pelo qual aquela entidade se identifica (quando um Preto-velho, por exemplo, identifica-se como “pai” e não como “vovô” ou uma Preta-velha se identifica como “mãe” ou ”vó” e não como “tia”, isso já nos mostra que estão em maior ou menor grau de evolução e/ou em maior ou menor proximidade com o médium em questão, além de poderem ser seus ancestrais).
b. O Ponto Riscado (ele contém muitos elementos que podem remeter ao Orixá ao qual a entidade responde ou em qual linha atua).
c. O Ponto Cantado (ele pode conter uma referência, novamente e como o Ponto Riscado, ao Orixá ao qual a entidade responde ou em qual linha atua).

Seguindo em nosso raciocínio, outra crença, bastante difundida em algumas vertentes da Umbanda, que foi expressa pelo excerto retirado da internet citado previamente, é a de que os Deuses estão muito dis tantes de nós e que, portanto, o que vem aos terreiros (embora entidades muito mais evoluídas), sejam apenas almas que ainda pagam por seus pecados em Terra e que, para chegar à plenitude, ainda têm um longo caminho a percorrer como espíritos consoladores. Esse plano seria apenas um plano de expiação e sofrimento, um lugar onde viemos aprimorar e fortalecer nossos espíritos para a recompensa da vida eterna em conjunção com Deus.

Para o leitor desavisado, esse pequeno resumo pode parecer inofensivo. Para o leitor mais atento e que se predisponha a contestar, essas palavras reservam uma surpresa: o discurso está contido integralmente numa religião análoga, da qual a Umbanda surgiu, mas cujos dogmas ela negou, já que outras verdades mostravam-se mais profundas e verdadeiras, até mesmo nessa religião: o Catolicismo.

Como falamos da Esquerda e do papel dela, a análise que segue é fundamental para entender como funciona o papel dos Exus e das Pombagiras na evolução humana e na forma como nos relacionamos com o equilíbrio necessário.

Antes de começar, é necessário relembrar alguns dos pontos em que estão calcados os fundamentos da Umbanda, em especial, cinco destes princípios:

I. A Umbanda é uma religião que prega a *Reencarnação*, isto é, os adeptos creem que existe um ciclo natural de nascimento-vida-morte-renascimento. São necessárias várias existências para alcançar o equilíbrio do corpo (físico que, com o cessar de seu funcionamento, projeta-se no astral), da mente e do espírito. Alcançado esse equilíbrio, a espiritualidade se abre em inúmeros planos e o Ser, sublimado e transcendente, evolui. Nesse ciclo de encarnação-morte-reencarnação todas as fases têm suma importância, assim, não se deve desprezar a vida material em detrimento da espiritual, nem a espiritual em detrimento da material.
II. A *Lei do Equlíbrio ou da Ação e Reação* é outro ponto fundamental na Umbanda. Com o advento da Umbanda Astrológica, ou Esotérica, e os contatos com o Budismo e o Hinduísmo, já bem depois da gênese da religião, muitos passaram a conhecer os conceitos pertinentes a essa lei como *Kharma* e *Dharma*, ou causa e consequência. Para entender essa lei, em primeiro lugar, é essencial entender a premissa da reencarnação, pois ela rege o equilíbrio entre as ações e as reações que cada pessoa gera enquanto evolui. Resumindo, tudo que fazemos, toda ação que realizamos, gera uma reação, de igual força e em sentido contrário, isto é, que volta em nossa direção. Se plantarmos o bem, colheremos o bem. Se plantarmos o equilíbrio, colheremos o equilíbrio. Se plantarmos o mal, colheremos o mal. Se plantarmos vícios, colheremos vícios.
III. O praticante da Umbanda crê na utilização da *mediunidade*, em todas as suas formas (incorporação, audiência, vidência, clarividência e uso de oráculos,

psicografia, percepções extrassensoriais), para interagir com o mundo espiritual, buscando evolução e integração com ele.

IV. Na Umbanda, a *Evolução Espiritual* e a *Evolução Material* do homem caminham lado a lado e equilibram-se mutuamente. O plano físico serve de aprendizado, bem como o plano espiritual, para chegar à plenitude da existência e integrar-se com Deus.

V. Acima de tudo, os Umbandistas creem que todos esses conceitos se manifestam por um motivo que pode ser resumido em quatro palavras: *amor, humildade, caridade* e *fé*.

A partir disso, já podemos perceber uma grande diferença entre os espíritos da Direita e da Esquerda. Enquanto os primeiros nos preparam para a vida espiritual e vêm à Terra para zelar por nossa paz de espírito e evolução, os espíritos da Esquerda vêm em Terra para zelar por uma vida material plena, que deve sempre andar em equilíbrio com a vida espiritual. Um ciclo não é pleno sem que o outro também o seja, isto é, não existe um espírito evoluído que tenha por opção se entregado a uma vida miserável, ruim, mesquinha e de resignação sem lutar, sem viver, sem dar valor à dádiva que é estar vivo, amar, apaixonar-se, casar, ter filhos, família, cuidar dos pais velhinhos, ter amigos, ir a festas e experimentar todas as primeiras vezes que todo ser humano experimenta, ficar velho, sofrer, ser feliz e tudo mais quanto está em nossa natureza. A Esquerda é quem cuida de tudo isso, é quem zela pelo equilíbrio entre o corpo e a alma, mantendo o espírito em constante evolução.

Por isso, no que concerne aos Exus e Pombagiras, algumas questões são controversas demais e precisam de uma discussão maior e racional, organizada e sem preconceitos. Por isso, nossa proposta é fazer uma análise racional, respondendo algumas questões:

1. O que é pecado e por que ele é associado à Esquerda?

Para o cristão católico, pecado é tudo aquilo que contraria a vontade de Deus, ao que podemos relacionar os sete pecados capitais e as violações aos dez mandamentos (para quem fugiu da catequese católica ou nunca chegou a fazer, lá vai):

Os 7 Pecados Capitais (ou Passíveis de Morte)

Luxúria – Fazer sexo por prazer e não para procriar.
Gula – Comer além do que é necessário para sobreviver.
Avareza – Guardar dinheiro e enriquecer.
Inveja – Desejar possuir coisas que outros também possuem.
Orgulho – Sentir orgulho ou qualquer tipo de bem-estar consigo mesmo, a ponto que querer governar a própria vida.

Preguiça – Descansar com mais frequência que trabalhar.
Ira – Lutar, guerrear ou batalhar podem ser considerados aspectos da ira.

Os 10 Mandamentos

I – Amarás a Deus sobre todas as coisas (e não terás outros deuses).
II – Guardarás seu Santo Nome e não o dirás em vão.
III – Guardarás domingos e dias santos.
IV – Honrarás pai e mãe.
V – Não matarás.
VI – Não pecarás contra a castidade.
VII – Não roubarás.
VIII – Não levantarás falso testemunho.
IX – Não cometerás adultério.
X – Não cobiçarás as coisas alheias.

Lendo isso, percebemos que quase tudo quanto podemos considerar "humano" entra no que é considerado pecado, e que poucos são os quesitos que mostram objetivamente algo que pode ser considerado "errado", como não matarás, não roubarás e não levantarás falso testemunho. Portanto, só nos salvaríamos nos entregando ao sofrimento e a privação em vida para garantir um bom lugar no Reino dos Céus.

Bom, a questão é que, para algumas vertentes ainda um tanto apegadas aos preceitos católicos, ignorando os rumos seguidos pela espiritualidade e até mesmo orientado pelas entidades, a Umbanda trabalha com essa noção de pecado para classificar os homens e as entidades, especialmente nas Sete Linhas e para associar esse tipo de atitude à regência de Exu, como se tudo isso fosse impuro. Em sua gênese na Umbanda, a noção de pecado passou a diferir bastante do pecado católico e, por isso, houve a grande perseguição que a Umbanda sofreu em seu princípio. Alguns dos fatores que geraram essa diferenciação são os que seguem:

- O sexo, para os espiritualistas, é parte do sagrado e a união entre duas pessoas é abençoada.
- A comida e o comer bem fazem parte da nossa fé; as festas, a dança e a música cuidam do nosso corpo físico e regozijam o espiritual.
- Guardamos dinheiro, pois vivemos numa sociedade de consumo, em que é necessário tê-lo, até mesmo para sustentar uma casa de Umbanda e fazer caridade.
- Sentir orgulho é parte de reconhecer nossa identidade, nossos sonhos e que pertencemos a uma comunidade.
- O descanso é tão merecido quando o trabalho, e o equilíbrio entre ambos nos torna completos.

- Por último, a batalha, não a violência, são necessárias para alcançarmos nossos objetivos, portanto, praticadas em nosso dia a dia (além de um dos deuses da Umbanda reger a própria guerra, Ogum).

Sem contar os fatores que se relacionam com os 10 Mandamentos:

- Além de Deus (a quem também chamamos de Olorum ou Zambi), temos os Orixás.
- Todo dia da semana é sagrado para os Umbandistas, então, não dá para guardar todos eles e se dedicar apenas à religião: temos vida, trabalho, família e tudo o que faz parte do nosso dia a dia e que também é sagrado.

Portanto, o pecado fica uma coisa nebulosa e contraditória: ou aceitamos que somos todos pecadores e sempre viveremos em sofrimento, ou entendemos que o pecado é o desequilíbrio, o excesso, aquilo que nos afasta do caminho do meio, da bem-aventurança.

É para isso que a Esquerda serve: para nos mostrar que a vida material é tão importante quanto a vida espiritual e que nem podemos nos apegar demais a uma, nem podemos rejeitar a outra. Quando percebemos que as entidades como Exus e Pombagiras vêm ao mundo, incorporadas, com uma missão simples que é a de nos fazer perceber quão importante é dar valor à festa que chamamos de vida, ser feliz, ajudar o próximo e manter o equilíbrio e a moderação, percebemos que eles são entidades tão iluminadas quanto os Caboclos, que, justamente por não terem mais um corpo físico, é que dão tanta importância a ele.

Assim, a vida se torna muito mais leve e percebemos que não estamos aqui para expiar pecados. Muitos de nós estão aqui porque sabem que na mesma medida dos prazeres há sofrimentos, mas que ambas as coisas somente nos fazem aprender. E isso escolhemos por vontade própria, pois, sem boa vontade, nada se aprende.

2. Deuses e Homens

No Catolicismo é fácil compreender que Deus está distante dos homens, pois ele é supremo e governa todo o Universo. Mas, mesmo no Catolicismo, existe uma possibilidade de proximidade, por meio dos Anjos, que podem vir à Terra nos socorrer, e dos Santos, homens que evoluem para chegar mais próximos de Deus, por meio do martírio, da penitência e da privação.

A Umbanda, no entanto, é uma religião espiritualista/naturalista. Para nós, o Deus Criador de todas as coisas, aquele que é o Princípio e o Fim, o Alfa e o Ômega, está a nossa volta em todas as coisas, presente no nosso cotidiano, nos deuses que nos cercam e nos regem e, principalmente, na natureza. Os Orixás, Deuses que nasceram a partir dele, guardam-nos como seus filhos e nos alimentam com sua energia. Eles são, em

Orún, o reflexo do que somos em Ayé.

Por isso que, nas religiões africanas, em que o culto teve origem, são, sim, os Orixás que incorporam nos homens e não seus representantes ou entidades que falam em seu nome. Alguns podem dizer que ninguém poderia incorporar Xangô, pois ele é fogo e pedra, e a transformação não é possível. Entretanto, esse é um argumento falho, uma vez que quem o usa se vale de uma premissa falha: a de que o Orixá é o próprio elemento, quando, na verdade, ele o rege, o controla e o representa. Assim, não é impossível que uma energia habite um ser humano, da mesma forma como habita o Planeta, já que somos parte essencial e, como toda vida e matéria presente aqui, vital para o equilíbrio.

O mesmo podemos falar de Exus e Pombagiras e, especialmente, do Exu Orixá: por que Exu não pode ser divino? Por que ele não pode ser um Deus e não simplesmente um empregado?

A resposta é muito simples: na nossa cultura é difícil aceitar que os deuses estejam tão próximos do plano físico e de tudo quanto acontece nele. É difícil aceitar que não podemos "esconder" o que acontece aqui. Um deus que está na Terra não depende de seus mensageiros e, se Exu é um Deus, ele também – e até mais que todos – rege as causas e as consequências de tudo quanto fazemos.

Assim, acaba restando a pergunta: por que acontece com uns e não acontece com outros? Por que alguns incorporam Orixás e outros não incorporam nada além de suas entidades?

A resposta é simples: porque somos todos diferentes e únicos. A missão de um pode não ser a missão de outro e, justamente por este motivo, é que esbarramos em alguns dos grandes problemas atuais da Umbanda (e, por que não dizer, das religiões de matriz africana e espiritualistas de maneira geral):

A. O primeiro, a política de "se eu não conheço, é porque não existe". Infelizmente, uma prática cada vez mais comum, ligada principalmente à prepotência dos homens. É impossível que exista alguém capaz de deter todo o conhecimento sobre um determinado assunto, seja ele humano ou divino. Entretanto, muitos se apressam em dizer com toda a convicção "isso não existe", "isso é uma farsa", "isso jamais acontece". Muitos "sacerdotes" se valem desse tipo de argumentação para manter os "clientes" que pagam por suas consultas ou, na pior das hipóteses, manter os filhos presos à Casa, mesmo contra a própria vontade e contra a necessidade expressa pelo Orixá, pois, com a saída de um filho, perde-se a colaboração que ele dá para o Templo. O pior é que esse tipo de política só gera preconceito e conflito para a própria religião e não traz nenhum benefício.
B. O segundo, especialmente no que concerne aos sacerdotes, "se eu não posso, ninguém mais pode". Existe uma política de que o Orixá mais alto da casa é sempre o do sacerdote. Bom, se todos tiverem essa política de ignorar a

verdadeira face dos deuses em troca do próprio *status*, como ficam as pessoas que têm uma entidade num posto mais alto ou um Orixá mais diferente? Vamos mudar a natureza das coisas só porque somos diferentes?

C. E o último, e mais grave, o que podemos chamar de globalização e massificação da religião. Hoje, é muito comum passar pouco tempo estudando ou aprendendo sobre a religião: o comum é aprender o básico, conseguir alguns adeptos, abrir uma casa e seguir adiante, "Globalizando a Macumba" como me disse certa vez uma sacerdotisa, muito velhinha, no alto dos seus 87 anos, "vendendo santo em latinha". Hoje em dia, ninguém risca ponto e acende uma vela para fazer atendimento, vela só no pegí ou no congá; as especificidades acabaram-se e os batismos nunca acontecem para uma pessoa de cada vez – realiza-se logo com 10 ou 12 pessoas de uma vez, que é para economizar, não importa que cada um está num nível diferente. É a massificação da religião: estamos transformando a Umbanda num *drive-thru* espiritual, peça pelo número, pague e leve. Por quê? Porque é conveniente. E para isso é necessário fidelizar o cliente e reter a compra, fazendo o *marketing* correto, negativando a imagem do outro. Se você admite que o outro sacerdote é tão bom quanto você, sabe tanto ou mais que você, é tão ou mais íntegro que você, corre-se o risco de perder o cliente, quero dizer, o fiel. Mas, se mostra que o produto dele não é tão bom, a comida não é tão bem-feita ou a vela não brilha tanto, a pessoa permanece, afinal, aquilo que custa mais caro e é melhor, é aquilo a que se dá valor. E viva a chegada do capitalismo no mundo espiritual.

3. Postura Católica *versus* postura Umbandista

Por fim, feita toda essa argumentação, é necessário relembrar que, no começo, falou-se das relações com o Catolicismo e colocou-se que o sofrimento era uma parte integrante da crença católica, não umbandista. Além de sermos uma religião espiritualista/naturalista, em que o plano físico e o espiritual têm a mesma importância, pois tudo faz parte de um intrincado equilíbrio de energias que nos levam à evolução, outro ponto a favor do argumento de que, sim, Deuses e Entidades andam entre nós, interagem e incorporam, e este não é apenas um plano de expiação, mas um plano onde podemos buscar a nossa própria felicidade.

E esse argumento jaz nos ensinamentos do próprio Mestre Jesus. Em vários episódios, ele mostrou o valor do conhecimento (como quando, ainda criança, debateu com os rabinos no Templo sobre as Leis de Deus), de aproveitar a Vida (como quando bebeu com os mercadores, embora estes não fossem bem-vistos, já que levavam uma vida mais materialista) e exercer a Caridade e o Perdão conscientes, não por obrigação (como quando perdoou a mulher adúltera em vez de apedrejá-la, após um julgamento tendencioso, como era típico da época). Ele nos mostrou que o mundo espiritual está

mais próximo que imaginamos quando disse ao Bom Ladrão: “Em verdade te digo, ainda hoje estarás comigo no Paraíso”. Então, por que seremos nós a contrariar os ensinamentos de tão sábio mestre, dos guias e entidades e dos Orixás em Terra, apenas para satisfazer nosso orgulho vão?

Exus, Pombagiras e a Magia Negra

Comumente, em algumas vertentes da Umbanda e da Quimbanda, o uso da Magia Negra é associado a Exus e a Pombagiras. É quando entra outra grande controvérsia relacionada à Esquerda: se eles são entidades que obedecem aos Orixás e a Deus, como podem fazer uso de uma magia que prejudique as pessoas, que lhes cause danos físicos e espirituais?

Embora requeira um pouco mais de entendimento, a resposta é simples: Exus e Pombagiras, tal qual qualquer espírito humano, são dotados de livre-arbítrio. Eles não devem, e são orientados em não fazê-lo, mas eles podem, sim, praticar a Magia Negra. Na verdade, qualquer entidade tem o livre poder de fazê-lo, incorporada ou não, é apenas uma questão de escolha.

Para entender tudo isso, vamos ser um pouco mais específicos, começando por responder a pergunta: o que é Magia Negra?

Muito se fala, mas parece que perguntar é proibido, e a simples menção do nome *Magia Negra* desperta calafrios e suscita medo e temor. Magia Negra ou Goécia, nada mais é que um sistema mágico julgado mau ou diabólico (e, de novo, a imagem do diabo cristão), no entanto, psicologicamente falando, é o momento em que nos valemos do nosso lado obscuro (ou a nossa Sombra, segundo Carl G. Jung) para manifestar nossa vontade, nossas necessidades ou nossos desejos. Algumas das práticas da Magia Negra envolvem prometer coisas a entidades, espíritos ou demônios, em troca de benefícios ou de ter suas vontades atendidas.

Assim, se pararmos para pensar, se fazer Magia Negra é dar algo para obter algo em troca, não é muito diferente do que faz com qualquer entidade da Umbanda: se nos consultamos com um Preto-velho ou um Caboclo, nem que seja a nossa boa vontade de ouvir e seguir seus conselhos, estamos dando, e nesse processo, eles também são beneficiados, pois estão cumprindo sua missão de caridade, também estão recebendo algo em troca. Por que, então, o que se faz com um Preto-velho é Magia Branca e o que se faz com um Exu é Magia Negra? Essa resposta tem muitos fatores, mas os principais são:

1. Preconceito, pois a ética e a moral de um Preto-velho estão muito mais próximas que a sociedade carnal aceita como normal, natural ou de bom tom, que a de um Exu ou Pombagira, que são espíritos mais livres de aparatos sociais, já que, mesmo em vida, costumeiramente eram pessoas, muitas vezes, distanciadas da sociedade e renegadas por ela.
2. Falta de compreensão sobre o código de moral, ética e comportamento que rege os Exus e Pombagiras, que discutiremos a seguir.

O ponto principal deste assunto, contudo é que aquilo que preconceituosamente se

chama de Magia Negra entre Exus e Pombagiras, nada mais são que atitudes sem hipocrisia ou amarras sociais, fatores que discutiremos a seguir.

Um ponto de equilíbrio

Exus e Pombagiras são entidades por vezes bastante contraditórias, não por que sejam ruins ou amorais[5] e imorais. Eles são bastante controversos pois não estão presos a amarras sociais, e os elementos que regem são, em geral, profundamente ligados a materialidade.

Para entender melhor como isso funciona, é importante entender de onde surgiram Exus e Pombagiras.

O nome Exu é iorubano, significa mensageiro e remete ao Orixá que fica entre o Céu e a Terra, que leva e traz mensagens entre os homens e os deuses. Em sua natureza, ele rege tudo quanto é material, físico e carnal, é ele quem traz o dinheiro, a fertilidade, o prazer, a festividade, a comida farta.

Já a palavra Pombagira é uma aportuguesação do termo do quimbundo (língua autóctone de Angola, na África) *Mbobogiro*, que também remete a um espírito mensageiro, situado entre o Céu e a Terra. A principal diferença entre eles é que, no panteão iorubano, vê-se exu como uma essência masculina e, entre os quimbundos, como uma essência feminina, daí a associação (nesse mesmo panteão existe *elegbara* para a essência feminina). Para entender sua real natureza, é necessário pensar nas lendas a respeitos dos Orixás e Inkices que deram origem a essas entidades.

São muitas as lendas que concernem a Exu e a Pombagira, todas muitos semelhantes, versões com nomes diversos para as mesmas histórias, portanto, padronizaremos as narrativas em nome de Exu.

Em especial, algumas dessas histórias contam as características mais cultuadas pelo povo de Umbanda nesse Orixá. Conta uma dessas lendas que Exu era um andarilho, sem eira nem beira, não era rei, nem possuía qualquer riqueza, não tinha profissão, não conhecia nenhuma arte, não tinha um objetivo pelo que se esforçar. Quando não tinha mais o que fazer, ia até a casa de Oxalá, onde se divertia vendo o Pai-de-Todos fabricar os seres humanos. Com o tempo, passou a prestar muita atenção em tudo o que o velho Orixá fazia. Além de ver tudo quanto era feito dos seres humanos, Exu via todos que iam ali levar presentes e oferendas. Com o tempo, passou a ajudar Oxalá, pois observou por dezesseis anos como ele fabricava cada ser humano. Foi quando Oxalá percebeu que perdia muito tempo recebendo ele mesmo os presentes e as pessoas, e pediu a Exu que ficasse na encruzilhada que antecedia sua casa. Exu cumpriu perfeitamente seu papel, de não deixar passar ninguém que não fosse convidado e levar as oferendas para Oxalá, no que Oxalá o recompensou: todos que ali passassem, deveriam dar a Exu também uma oferenda e, assim, o seria em toda encruzilhada na qual ele se pusesse. Assim, Exu virou o Rei da Encruzilhada.

Outra lenda sobre Exu reza que este, por ser o mais novo, irmão de Xangô, Ogum, Oxóssi, sempre recebia as homenagens que lhe competiam por último. Por querer mais atenção, ele vivia criando confusão e turbulência, o que fez que Oxalá, seu pai,

decidisse castigá-lo com severidade, aprisionando-o.

Seus irmãos mais velhos o aconselharam a fugir e deixar Orun (o Céu) no que ele veio para Ayé (a Terra). Mas, enquanto Exu estava no exílio, seus irmãos continuavam a receber festas e louvações. Ele não era mais lembrado e ninguém sequer procurava notícias de seu paradeiro. Usando mil disfarces, ele rondava nos dias de festas, as portas dos templos de seus irmãos, e ninguém o reconhecia disfarçado, pois Exu tem mil faces quando quer. Ele vingou-se por ter sido esquecido, semeando sobre o reino dos Orixás toda sorte de desgraça, intriga, confusão e desentendimento. Não demorou muito para que as festas religiosas fossem proibidas em virtude da balbúrdia e dos problemas que traziam. Os sacerdotes, então, foram procurar um babalaô nas portas da cidade. O babalaô saberia o que estava acontecendo, já que ele é o sacerdote que comanda e possui o poder de ver nos búzios o destino de cada um.

Ele abriu os búzios e disse que Exu falava no jogo e estava furioso por ter sido esquecido por todos, que por isso exigia dos homens que os primeiros sacrifícios fossem dele, e que os cânticos de toda e qualquer cerimônia fossem, primeiro, sempre para ele, pois ele era o mensageiro entre Orun e Ayé, ele vivia entre o mundo dos homens e dos deuses, somente ele sabia o caminho. O babalaô disse que Exu pediu um bode e quatro frangos, mas os demais sacerdotes caçoaram dele, dizendo não haver motivo para se preocupar com um Orixá menor como Exu, não dando importância ao que este dizia. Só que, quando quiseram se levantar para ir embora, não podiam se mexer, suas pernas estavam imóveis e não podiam se levantar. Era mais uma das artimanhas de Exu. Há quem jure que sua gargalhada pôde, então, ser ouvida ao longe.

O babalaô pediu respeito e, recitando cânticos em nome de Exu, ajudou cada um a se levantar. O babalaô os aconselhou a fazer o que ele mesmo fazia, pois Exu é mensageiro, ele corre o mundo e tanto pode trazer quanto levar: que dessem primeiro de comer para acalmar Exu e que fosse assim para todo sempre – daí a tradição de se despachar oferendas para Exu antes de realizar qualquer ritual.

Há outras tantas lendas, mas essas duas falam especificamente sobre aquilo que é característica primeira de Exu: ele é o mensageiro, portanto, deve comer primeiro, para levar as mensagens e oferendas aos outros deuses. Exu rege a encruzilhada, isto é, a junção de todos os caminhos, porque ele é cuidadoso com as ordens do Pai Oxalá.

Também mostram que Exu tem um senso diferente de fazer justiça ou de tocar as coisas como devem ser: a vingança, para ele, é um tipo de acerto, uma maneira de conseguir o equilíbrio. Para ele, muitas vezes, os fins justificam os meios e são a ferramenta pela qual um objetivo deve ser alcançado; ainda, o que a sociedade acha nem sempre é o certo, pois cada um sabe o que é necessário para si e para aqueles que ama. A justiça de Exu e, por consequência, das entidades que atendem em seu nome, é bastante concisa, não tolera hipocrisia e não se deixa levar por achismos, nem tampouco suas decisões estão baseadas no que é visível. Muitas vezes ele consegue prever coisas que, num determinado momento são incertas, mas podem se mostrar

bastante concisas.

Para exemplificar isso, nada melhor que um exemplo da vida real.

Recentemente estive em uma casa de Umbanda, que não citarei e, na assistência, enquanto aguardava o início da Gira, perguntei a uma moça presente, por que ela estava ali. Ela me respondeu que estava ali para falar com a Pombagira Maria Padilha das Sete Encruzilhadas. Perguntei o motivo pelo qual ela queria falar especificamente com aquela entidade. Sua resposta foi bastante concisa:

"Eu quero ter um filho com meu marido e sei que ela vai me ajudar; estamos tentando há 3 anos, mas eu sofri um acidente pouco antes de casar e não consigo engravidar. Ela já nos ajudou a ficar juntos, então sei que ela vai fazer o possível para termos um filho."

A fé inabalável daquela mulher no que a Pombagira faria para ajudá-la era heróica. Quando ela saiu de seu atendimento, veio falar de novo comigo. Perguntei como tinha sido e ela estava um pouco decepcionada, disse que a Pombagira não lhe mentira: seria quase impossível que ela fosse mãe e disse também que, mesmo que não tivesse filhos do seu sangue, seu instinto maternal faria que ela criasse outros filhos, dela, mas não de sangue, e de outras pessoas. Quando perguntei a profissão da moça, descobri que ela era berçarista, numa creche pública que abrigava crianças carentes.

Por fim, restava-me uma última curiosidade: ela tinha dito que tinha conseguido ficar com o marido com a ajuda da Pombagira. Perguntei-lhe como, e ela respondeu:

"Conheci meu marido por intermédio de uma amiga, com quem ele era casado. Me apaixonei, mas sempre mantive isso em segredo, até por que essa minha amiga estava passando por problemas bem graves. Lutei contra o que eu sentia, sabia que não era certo, que as pessoas não iam aceitar. Ela era alcoólatra e usava algumas drogas esporadicamente, mas justificava isso por conta de uma depressão. Só que com o tempo, ela foi arrastando ele para o fundo do poço junto com ela e se afastou dos amigos que tentavam ajudar. Ela achava que aquela vida era boa pra ela. Ela começou a traí-lo, ele começou a beber, até que por conta da vida desregrada que levava, ela ficou grávida, perdeu e ficou estéril. Foi quando pedi a ajuda de dona Padilha para resolver a situação. Ela me disse que em sete dias, para bem ou para mal, dependendo do quanto ELA tivesse vontade de resolver a situação, tudo estaria resolvido. No sétimo dia, ela fugiu com outro, deixou ele sozinho, o casamento deles acabou e eu o ajudei a se recuperar. Depois de seis meses ficamos noivos e depois de um ano e meio, casamos. Minha amiga se afundou nas drogas, por vontade dela. Quando soube que eu e ele estávamos juntos, começou a me difamar dizendo que eu tinha roubado o marido dela e acabado com a vida dela. Mas quem sabe da verdade,

como disse a Dona Padilha, sou eu e ele, e isso basta."

Pombagiras, em especial, sabem que casamento é feito com amor, não com um papel assinado no cartório. Sabem que quando há desrespeito e quando um leva o outro para o fundo do poço, isso não é amor, é obsessão – e as entidades da Esquerda trabalham justamente no ato de acabar com esse tipo de relação doentia.

Sobre o caso da moça não poder ter filhos, para alguns, não ser mãe de sangue de alguém pode ser um suplício, um castigo por algo feito errado. O que as pessoas não enxergam é que o destino de uns não é o dos outros. Há muitas mães de sangue que renegam seus filhos, deixam-nos na miséria, pedindo esmolas, sendo explorados. Há, contudo, aquelas que têm amor suficiente para dar e mudar o destino de crianças que nem sempre são do seu sangue. Cada pessoa tem uma missão diferente a cumprir. A Pombagira sabia disso e provou ao dizer a verdade, que dificilmente aquela mulher teria um filho do seu próprio sangue, mas que ela poderia ter muitos outros e assim realizar-se como mulher.

Para a sociedade e, principalmente, para os valores cristãos, o que a Pombagira fez foi antiético, imoral e maldoso: separar duas pessoas casadas em prol de uma terceira. Será?

Será que valeria mais a pena deixar o homem se afundar nas drogas e no alcoolismo junto com a mulher que não queria sair desse caminho, nem aceitava ajuda? Será que valeria mais a pena deixá-lo num casamento infeliz, estéril por conta da irresponsabilidade da esposa? Será que valeria a pena afastar a única amiga verdadeira que aquele homem acabou tendo e que foi até uma entidade pedir por ele e por sua saúde, e não por si, tudo por que a mulher era incapaz de ter vontade de largar seus vícios?

Portanto, e por último, será que a Pombagira foi tão irresponsável assim ao intervir na situação?

Os valores sociais dizem que sim. Mas, em termos de justiça e sentimento pessoal, duvido que alguém seria capaz, de consciência limpa, de dizer que não.

Para saber maiores informações sobre vestimentas de trabalho e atendimento na Umbanda, consulte o livro *Tudo que você precisa saber sobre Umbanda* – Volume III, da mesma autora, por esta editora.

O Candomblé considera que as divindades, ou seja, os Orixás, incorporam nos médiuns. Na Umbanda, quem incorpora nos médiuns, além dos Caboclos, Pretos-velhos e Crianças, são os Falangeiros de Orixás, representantes deles, e não os próprios.

Retirado do link:

http://www.maemartadeoba.com.br/a%20umbanda/Sete%20Linhas%20da%20umbanc

É preciso que se diferencie as palavras imoral e amoral. Imoral é aquele que conhece a *moral*, mas não se orienta por ela e a renega. Amoral é aquele que desconhece a *mora*, como uma criança que não empresta o brinquedo a outra, não por ser egoísta ou maldosa, mas porque ainda não aprendeu a dividir e compartilhar os bens.

Capítulo 1
EXU

Embora já tenhamos falado um pouco sobre quem é Exu e sua natureza, nada como um breve esclarecimento para elucidar alguns outros detalhes – e para situar quem olhou no índice e veio direto para esta página.

A origem de Exu é africana: ele é um Orixá proveniente do panteão iorubano (etnia fixada geograficamente na Nigéria). Ele é o mensageiro, aquele que rege toda a comunicação, guardião das cidades, das casas, da sexualidade e de todas as coisas que são criadas pelo homem. Ele é o Orixá de tudo quanto está em movimento.

Exu tem o direito de receber oferendas primeiro, a fim de assegurar que tudo corra bem, assim é que ele garante a comunicação entre o Céu e a Terra, o mundo espiritual e o físico.

Tanto na África em colonização quanto mais tarde, quando os negros escravos vieram para o Brasil, Exu – por sua natureza brincalhona e irreverente, e sua representação, que consiste num falo (pênis) humano ereto, simbolizando a fertilidade – foi sincretizado com o Diabo do catolicismo. Assim, por toda a sua maneira provocadora e astuciosa, sem falar nas claras menções sensuais e sexuais de seu culto, Exu foi confundido com Satanás ou Lúcifer, o Anjo Caído. No panteão iorubano, essa associação, além de ofensiva, é absurda, pois Exu não está em oposição a Deus, nem é a personificação do mal; pelo contrário, reger a materialidade garante o equilíbrio entre o mundo físico e o espiritual.

Justamente por estar tão intimamente ligado à materialidade, ele não tolera dívidas: se uma coisa é prometida a Exu, ela deve ser cumprida, ou ele se divertirá provocando problemas e calamidades às pessoas que não cumprem com sua palavra. Justamente por isso, ele é tido como o mais humano dos Orixás e o único que se relaciona com espíritos desencarnados que servem a suas missões, daí a origem do Exu cultuado na Umbanda.

O Exu da Umbanda, tal qual o Exu Orixá, não possui muitas *qui*zilas ou *ewós*, isto é, proibições – ele pode aceitar praticamente tudo quanto lhe é ofertado

Como aceita quase tudo que lhe oferecem, especialmente coisas mundanas e

acessíveis, como farofa e *otim* (bebida alcoólica, em iorubá). Justamente por isso, desenvolveu-se uma crença de que pode-se fazer pactos ou "comprar" os atos de um Exu ou de uma Pombagira. O mito é, na verdade, uma má interpretação do ato de compromisso: ninguém compra uma entidade da esfera espiritual com uma garrafa de cachaça ou qualquer outra coisa, assim como não se acredita que um balaio vá comprar Iemanjá – mas esse objeto-oferenda serve como atestado físico do compromisso que as duas partes, entidade e pessoa, selam em prol de um bem maior.

Em razão disso, antigamente, quando um despacho era feito na encruzilhada, procurava-se uma por onde passasse pouca gente e o rito não corresse o risco de ser violado, assim, podia-se saber, visivelmente, se Exu tinha aceitado a oferenda: ela era vista sendo "bebida" a olhos nus, direto da garrafa aberta e sem ninguém tocá-la. Assim, embora Exu possa receber qualquer oferenda, isso não significa que ele aceitará de bom grado qualquer coisa. Ofertar algo é uma demonstração de boa-vontade, não um suborno.

Já os Exus de Umbanda são espíritos de diversos níveis de evolução espiritual, que incorporam nos médiuns e interagem de diversas formas com os seres humanos. O Exu Orixá é cultuado na Umbanda, somente nas casas mistas ou de Umbanda de Nação. Assim, na Umbanda não se manifesta o Orixá, somente seus mensageiros e falangeiros, espíritos que vêm em Terra para orientar e ajudar. O Exu da Umbanda também tem a função de ser o mensageiro, o que leva os pedidos e oferendas dos homens aos Orixás, já que o único contato direto entre essas diferentes categorias só acontece no momento da incorporação.

Os nomes de Exu

O Exu Orixá tem muitos nomes, dependendo da função que desempenha. Alguns dos mais comuns, e que são de conhecimento mais amplo são: Esu, Bara, Ibarabo (que deu origem a Exu Marabô), Legbá, Elegbara, Eleggua, Akésan, Igèlù, Yangí, Ònan, Lállú (que deu origem ao Exu de mesmo nome na Umbanda), Tiriri (que deu origem ao Exu de mesmo nome na Umbanda), Ijèlú. Como este é um culto típico do Candomblé – nas mais diversas nações – reservamos-nos o direito de apresentar os nomes apenas a título de curiosidade.

Já os Exus de Umbanda possuem nomes mais distintos. Existem registros histórico-religiosos documentando as seguintes entidades:

Exu Arranca Toco

Exu Asa Negra

Exu Bará

Exu Belzebu

Exu Brasa

Exu Brasinha

Exu Calunga

Exu Calunguinha

Exu Capa Preta

Exu Capa Preta da Encruzilhada

Exu Carangola

Exu Cascavel

Exu Catacumba

Exu Caveira

Exu do Cemitério

Exu Corta-corta

Exu Cobra

Exu Corcunda

Exu Corrente

Exu Curador

Exu Capa Preta das Almas

Exu Capa Preta das 7 Encruzilhadas

Exu Capoeira

Exu Carranca

Exu Mangueira

Exu Maré

Exu Facada

Exu Ganga

Exu Gargalhada

Exu Gato Preto

Exu Gira Mundo

Exu João Caveira

Exu da Campina

Exu da Morte

Exu do Lodo

Exu Desmancha Tudo

Exu Destranca Rua

Exu Duas Cabeças

Exu do Fogo

Exu Quebra-barranco

Exu Quebra Galho

Exu Quirombô

Exu Rei

Exu Rei das 7 Encruzilhadas

Exu Rei das Trevas

Exu do Rio

Exu Serapião

Exu Sete Brasas

Exu Sete Buracos

Exu Sete Caminhos

Exu do Tronco

Exu Lalu

Exu Lorde da Morte

Exu Lúcifer

Exu Malê

Exu Mangueira

Exu Marabá

Exu Marabo

Exu Marabô Toquinho

Exu Maré

Exu Matança

Exu das Matas

Exu Meia Noite

Exu Morcego

Exu Sete Campas

Exu Sete Catacumbas

Exu Sete Caveiras

Exu Sete Covas

Exu Sete Cruzes

Exu Sete Encruzilhadas

Exu Sete Estradas

Exu Sete Facadas

Exu Sete Garfos

Exu Sete da Lira

Exu Sete Montanhas

Exu Sete Pedras

Exu Sete Poeiras

Exu Sete Portas

Exu Mulambo

Exu Pagão

Exu Pedra Preta

Exu Pemba

Exu Pimenra

Exu Pinga-fogo

Exu Pirata do Mar

Exu Poeira

Exu Ponto Maioral

Exu Porteira

Exu Tranca-rua

Exu Tranca-rua das Almas

Exu Tranca-rua de Embaré

Exu Tranca-rua das 7 Encruzilhadas

Exu Tranca-rua da Encruzilhada

Exu Sete Porteiras

Exu Sete Queimadas

Exu Sete Sombras

Exu Tatá Caveira

Exu Teimoso

Exu Tiriri

Exu Tira-teima

Exu Toco-preto

Exu Toquinho

Exu Tranca-gira

Exu Veludinho

Exu Veludo

Exu Veludo da Encruzilhada

Exu Veludo da Mata

Exu Veludo das Almas

Exu Tranca-rua das Matas	*Exu Veludo das Sete Encruzilhadas*
Exu Tranca-rua do Mar	Exu dos Ventos
Exu Tranca Tudo	Exu Ventania
Exu Tronqueira	Exu Vira-mundo

Na lista de nomes, alguns deles aparecem em destaque. Isso porque são de Exus que podem se apresentar sob regência de diversos elementos e, para isso, acrescentam ao seu nome original um título: das Almas, da Encruzilhada, das Sete Encruzilhadas, das Matas, do Mar, de Embaré (*embaré*, em tupi antigo, significa "águas que curam").

Em geral, somente os Exus muito evoluídos e que, de alguma forma, respondem diretamente a Orixás ou ao próprio Exu Orixá, dispõe desse tipo de classificação. Eles são os arquétipos dos mensageiros: o nome que acrescentam ao seu título está relacionado a sua regência:

- Das Almas – Regência de Omolu ou Nanã, tem a ver com cemitério, morte (tanto no sentido físico como no sentido figurativo de recomeço e renovação), saúde etc.
- Das Sete Encruzilhadas – Regências de Ogum, Oxóssi ou Exu Orixá, relaciona-se com demandas, caminhos, metas e objetivos profissionais e materiais.
- Das Matas – Regências de Ossaim e Oxóssi, tem a ver com prosperidade, fartura, trabalho.
- Do Mar ou da Calunga – Regências de Oxum e Yemanjá – embora um Exu ser regido por um orixá feminino seja mais raro, não é impossível – relaciona-se com família, espiritualidade, fertilidade, criatividade.
- De Embaré – Regências de Oxalá e, embora o significado da palavra tenha a ver com "águas que curam" no tupi antigo, relaciona-se com Exus Mirins.

Exus Mirins

Ainda, temos de falar dos Exus-Mirins, também conhecidos como Crianças da Esquerda, pois são entidades de cunho infantil que, contudo, vêm na Esquerda.

Embora raros, não são incomuns e estão relacionados com os diversos tipos de Exu Orixá e variações que podem reger a vida de um médium. Na Umbanda tradicional, em geral, as casas fazem uma opção de doutrinar essas entidades, a fim de fazê-las amadurecer para permanecerem na Esquerda ou terem um comportamento mais puro, para virem na Direita, isto é, na Linha das Crianças ou na face de Yori, da Linha dos Ancestrais, no caso das casas que optam por essa forma.

Eles podem ser junções de crianças com Exus ou com Malandros e já enumeramos alguns deles.

Os ideogramas de Exu

Ideogramas são símbolos comumente utilizados para compor os pontos de Exu. Em geral, são linhas curvas entrelaçadas formando encruzilhadas abertas (em forma de X), linhas retas formando o mesmo tipo de padrão, tridentes de traços retos ou curvos, pontos com o centro aberto, “X” etc. Para entender melhor o significado de cada ponto, veja na seção a seguir, uma série de pontos que trazem e ilustram esses ideogramas e símbolos.

Os Selos de Exu

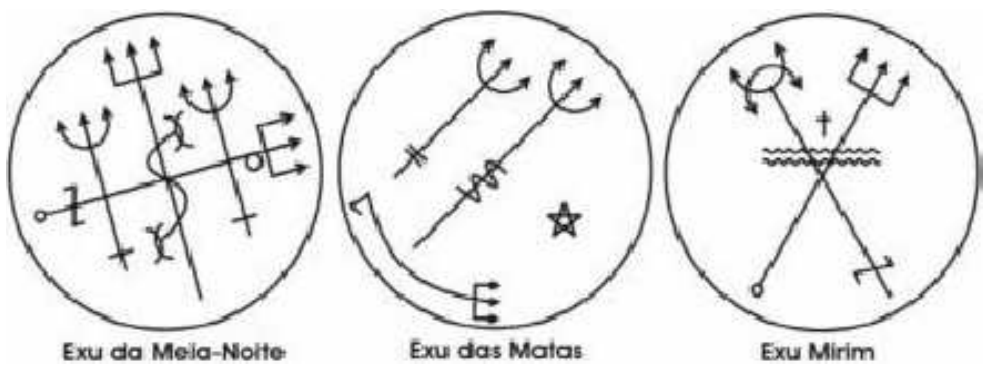
Selos são outras maneiras de se referir aos pontos riscados de cada Exu. Eles compõe uma forma de evocar a entidade sem a necessidade da incorporação – assim, evoca-se a energia e a vibração daquela entidade, ou ainda, durante a incorporação, eles são traçados no chão para manter aberto o vínculo com o mundo espiritual para que a entidade possa se valer da energia de lá, sem puxar energia do médium.

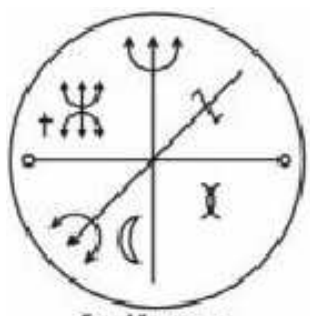
Um selo ou ponto riscado pode ser desenhado de várias formas.

- Riscado com pólvora – quando se desenha um ponto no chão com pólvora e acende-se, em geral evoca-se a energia mais agressiva do Exu, a mais potente. É usado somente em casos de extrema necessidade e com muita parcimônia – a pólvora, além de ser um elemento físico difícil de manipular com segurança, pode causar acidentes e, espiritualmente, traz uma carga de energia muito grande, que apenas sacerdotes experientes conseguem manipular e controlar. É usado em casos de doenças, demandas difíceis, para acabar com conflitos ou ainda proteger um ambiente fisicamente.
- Riscado com Pemba – pode ser usada pemba branca ou vermelha na hora de riscar um ponto de Exu, em geral, o ponto riscado com pemba pode ser usado para a maior parte dos trabalhos e dos rituais, pois é a forma mais comum de traçar o desenho pertinente ao selo.
- Selo Fixo – somente no caso de um templo ou um espaço totalmente dedicado a Exu é que se deve traçar um ponto fixo, isto é, feito no piso com qualquer tipo de material que não possa ser apagado. Ele passará a ser o suporte espiritual do lugar e, em geral, onde esse ponto está riscado, é difícil invocar entidades, guias e orixás da Direta.

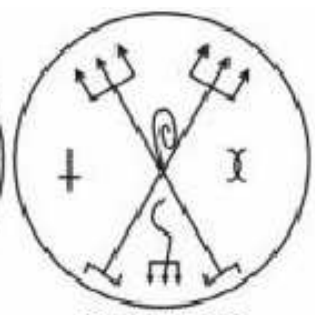
70 Selos / Pontos Riscados de Exus

Seguem alguns exemplos de Selos (pontos riscados) de exus bastante conhecidos na Umbanda. Veja:

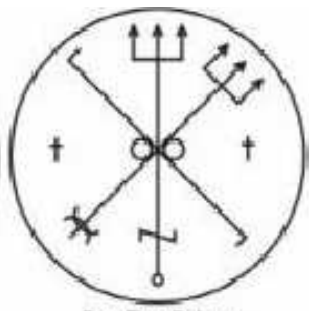




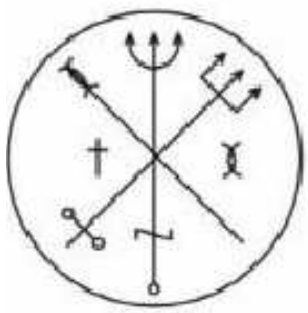
Exu Morcego



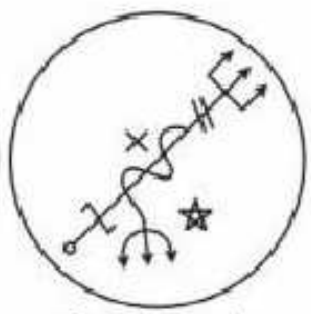
Exu Mulambo



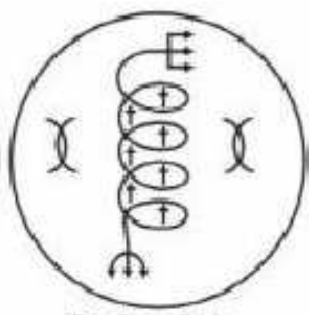
Exu Tira Teima



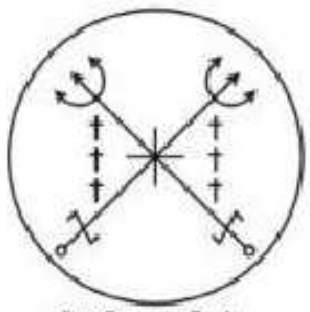
Exu Tiriri



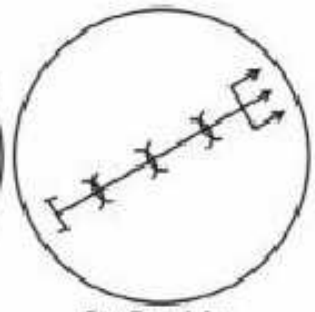
Exu Tata Caveira



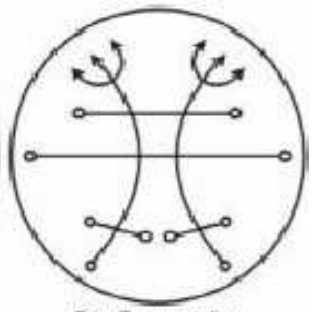
Exu Toco Preto



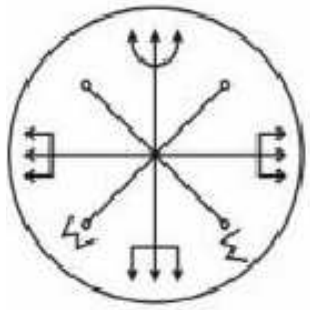
Exu Tranca Tudo



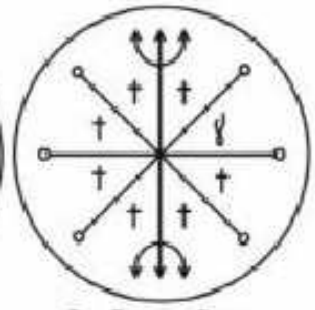
Exu Toquinho



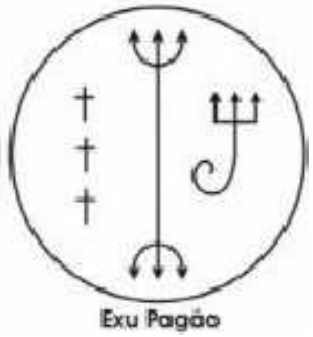
Exu Tronqueira



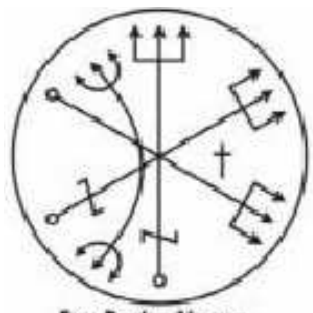
Exu Tranca Gira



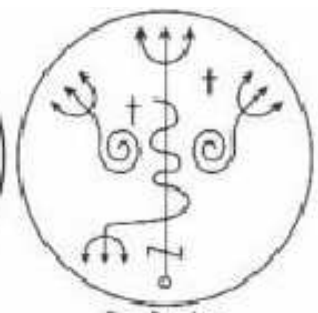
Exu Tranca Ruas



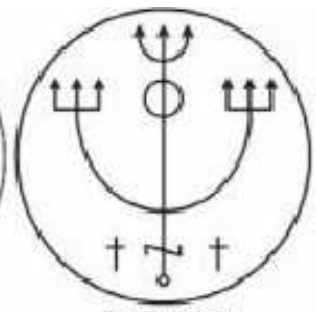
Exu Pagão



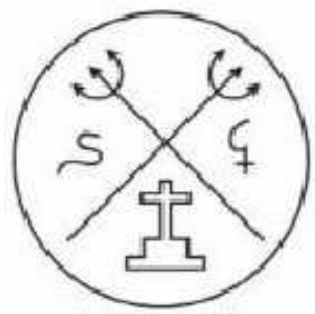
Exu Pedra Negra



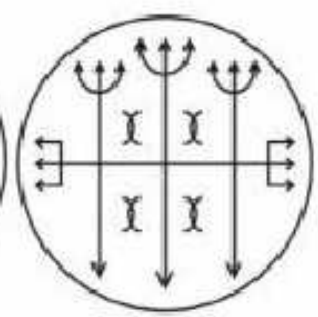
Exu Pocira



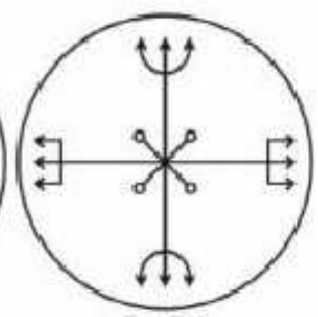
Exu Pemba



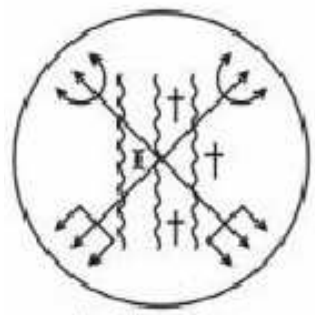
Exu Quirombô



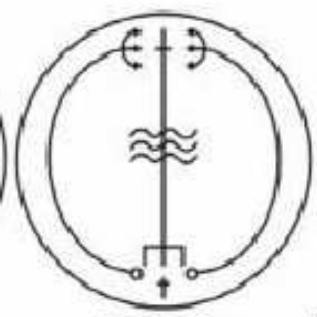
Exu Pimenta



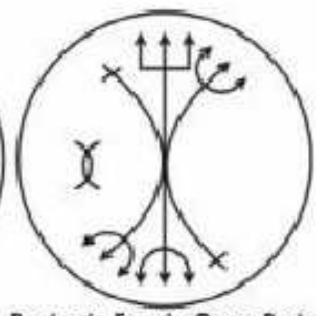
Exu Rei



Exu Pinga Fogo



Exu dos Rios



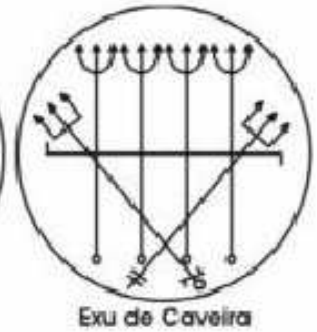
Ponto de Exu da Capa Preta



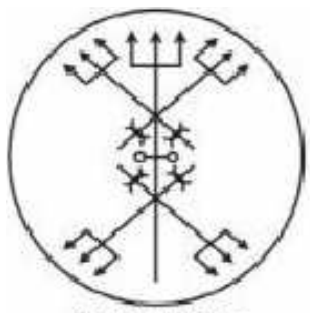
Ponto do Exu da Capa Pret



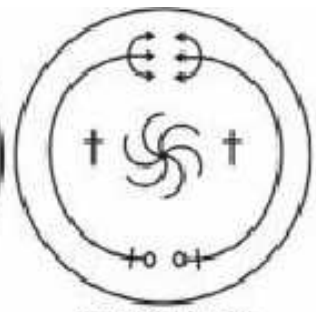
Exu de Caveira



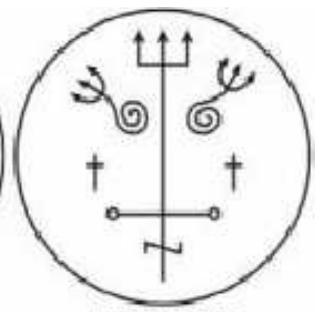
Exu de Caveira



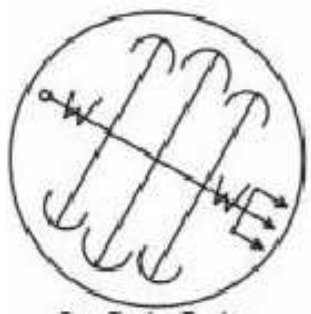
Exu dos Ventos



Exu Vira Mundo



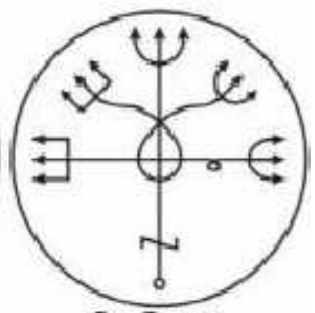
Exu Zé Pilintra



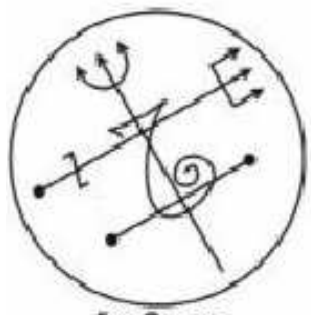
Exu Corta-Corta



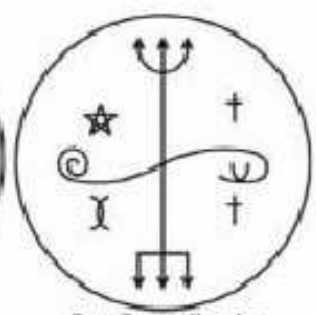
Exu Corta-Corta



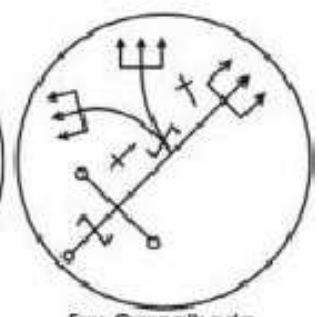
Exu Ganga



Exu Ganga



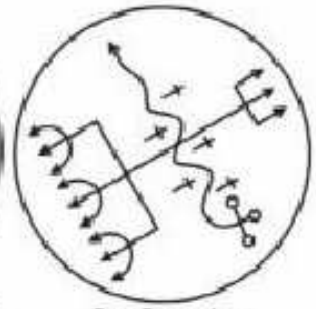
Exu Gargalhada



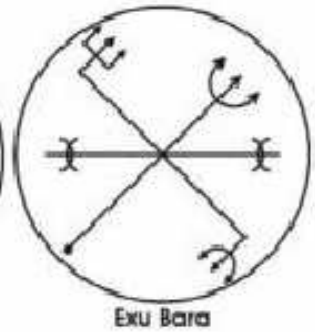
Exu Gargalhada



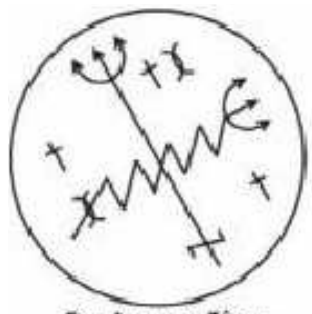
Exu Calunguinha do Mar



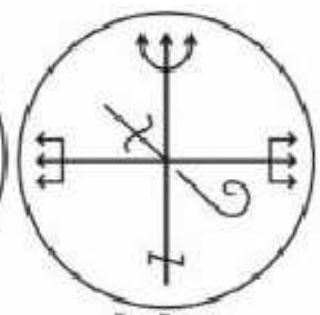
Exu Campina



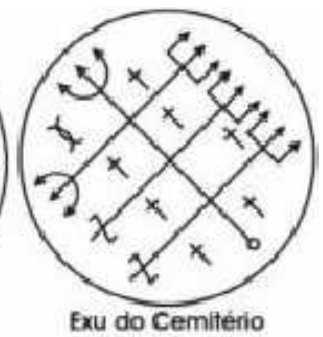
Exu Bara



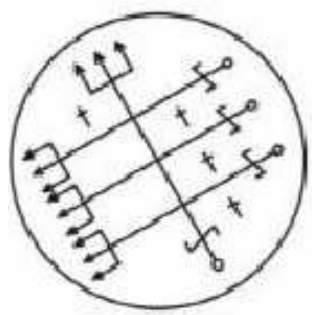
Exu Arranca Tóco



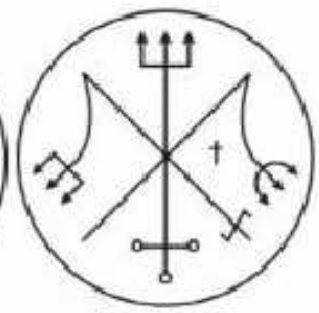
Exu Brasa



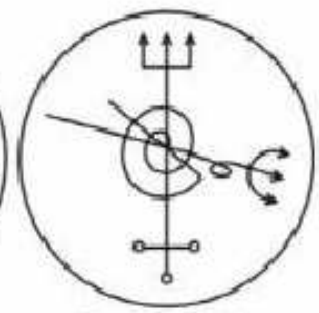
Exu do Cemitério



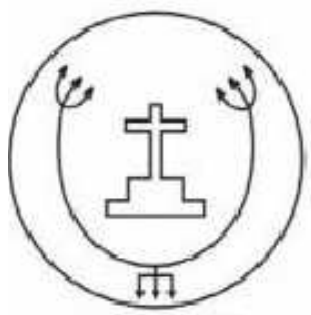
Exu do Fogo



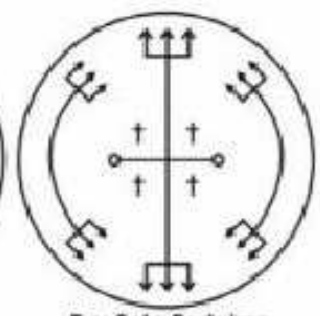
Exu do Fogo



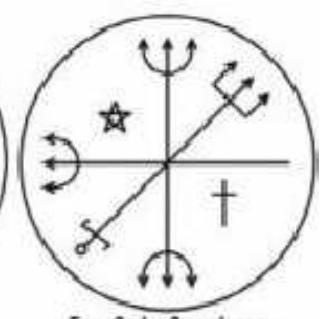
Exu Gira Mundo



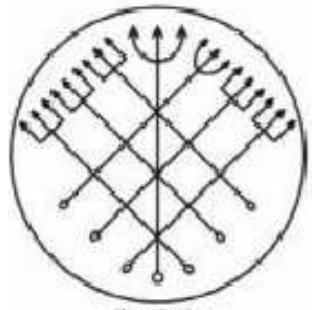
Exu Kaminaloã



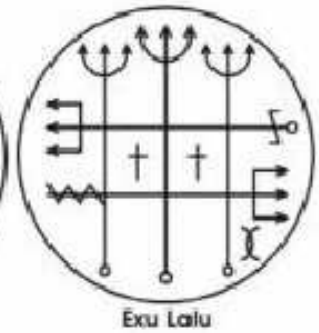
Exu Sete Porteiras



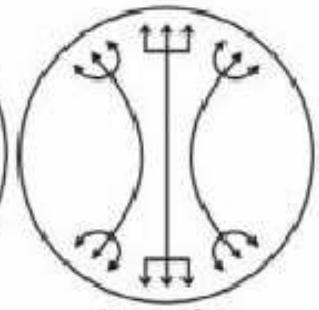
Exu Sete Sombras



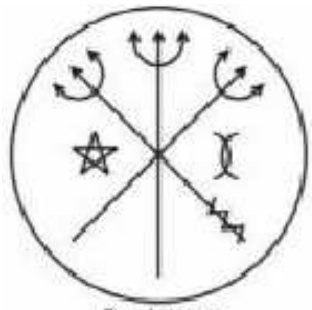
Exu Lalu



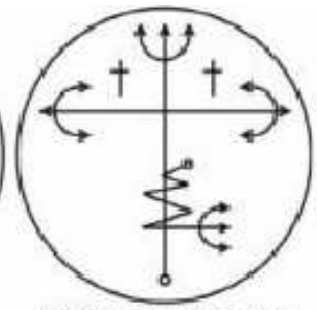
Exu Lalu



Exu do Lódo



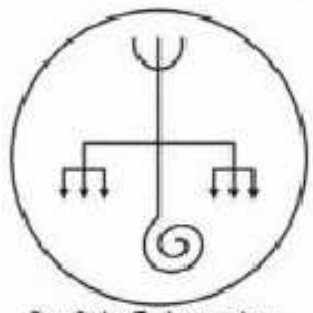
Exu Lonan



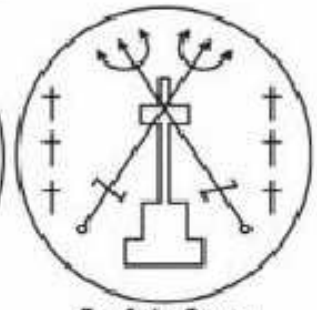
Pontos do Exu Lucifer



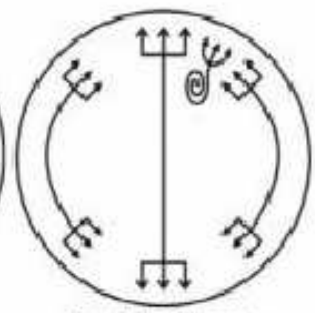
Pontos do Exu Lucifer



Exu Sete Catacumbas



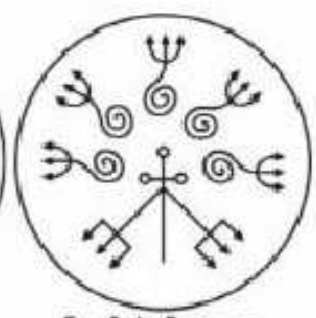
Exu Sete Covas



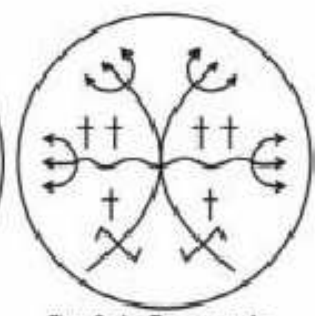
Exu Sete Chaves



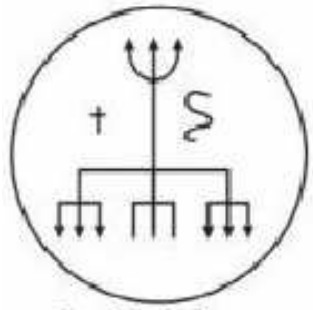
Exu Sete Cruzes



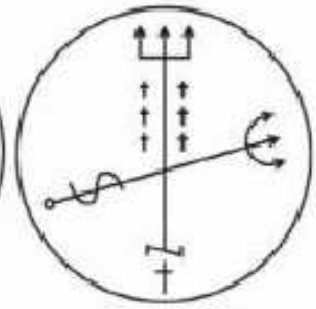
Exu Sete Encruza



Exu Sete Encruzada



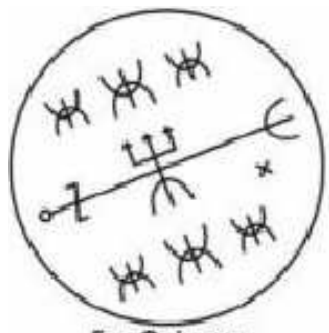
Exu Sete Pedras



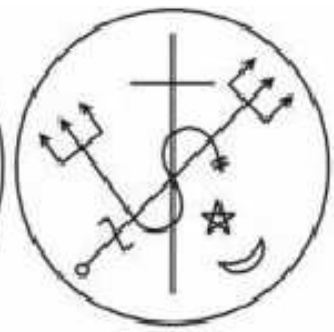
Exu Sete Poeiras



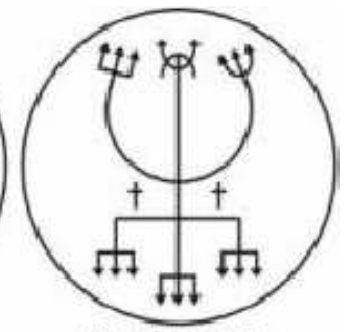
Exu Calunga



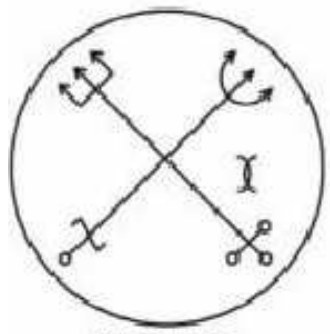
Exu Calunga



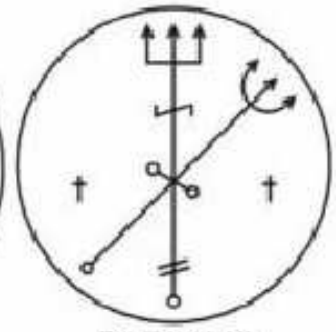
Exu Malê



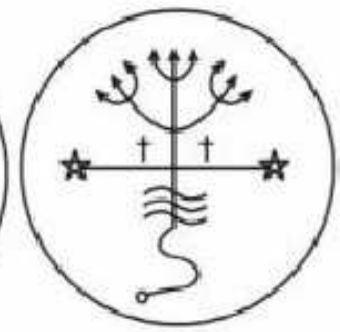
Exu Mangueira



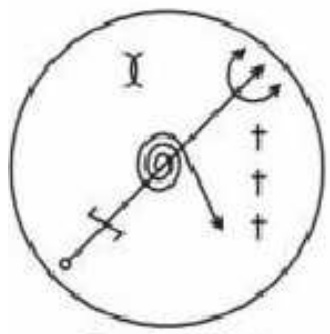
Exu Barabô



Exu Toquinho



Exu Maré



Exu das Matas

As cantigas de Exu

Seguem algumas cantigas de Exu. Aqui, disporemos as cantigas mistas, que falam de mais de uma entidade, ou cantigas genéricas.

MARABÔ/POMBAGIRA

Quando o mundo pegou fogo,
Foi Pombagira quem apagou. (bis)
Banda de Exu, Exu, Ala-la-ô,
É Pombagira e seu Marabô. (bis)

***

MARABÔ/MARIA PADILHA

Arreda, arreda, que aí vem mulher. (bis)
É Maria Padilha a mulher de Lúcifer. (bis)
Exu Marabô vem na frente,
Dizendo quem ela é. (bis)
Ela é Maria Padilha,
A mulher de Lúcifer. (bis)

MARABÔ/POMBAGIRA/7 ENCRUZA

Corre, corre, Encruzilhada,
Pombagira quem mandou. (bis)
Na porteira da calunga, auê,
Ouço um brado é Marabô. Exu. (bis)

***

TRANCA-RUAS

Estava dormindo na beira do mar. (bis)
Quando as almas lhe chamaram pra trabalhar. (bis)
Acorda Tranca-Ruas, vai vigiar. (bis)
O inimigo está invadindo a porteira do curral. (bis)
Bota as mãos nas suas armas, vai guerrear. (bis)
Bota o inimigo pra fora, para nunca mais voltar. (bis)

Tranca-Ruas no reino,
Ai meu Deus, o que será. (bis)
Bota a chave na porta,
Tranca-Ruas vai chegar. (bis)
Ele vem salvar a banda,
Com licença de Oxalá. (bis)

Mas ele é, Capitão da Encruzilhada, ele é,
Mas ele é, Ordenança de Ogum,
Sua coroa quem lhe deu foi Oxalá,
Sua divisa quem lhe deu foi Omulú,
Mas ele é…

Salve o cruzeiro, salve o sol e salve a lua,
Saravá seu Tranca-Ruas,
Que corre gira no meio da rua. (bis)

Estava dormindo,
Quando a Umbanda lhe chamou,
Se levanta minha gente,
Tranca-Ruas já chegou. (bis)
Quando a lua surgir,
Ele vai girar, ele vai girar,
Chegou seu Tranca-Ruas,
Para todo mal levar. (bis)

Na fé de meu Pai Ogum,
Ele vem trabalhar. (bis)
Mas ele é, mas ele é, mas ele é,
Tranca-Ruas das Almas. (bis)

Oi, viva as almas,
Oi, viva a coroa e a fé,
Oi, viva Exu das Almas,
Mas ele é Tranca-Ruas Imbaié,
Oi, viva as almas!

***

MANGUEIRA

Esse boi vermelho, calunga,
Caiu Mangueira, calunga,
Arranca o couro dele, calunga,
Pra fazer pandeiro, calunga.

***

DIVERSOS EXUS

Exu é de querer, querer,
Na sua banda eu quero ver. (bis)

Mas ele chega no romper da aurora,
Seu Sete Encruzas manda agora,
Seu Marabô quem manda agora.
Seu ....

***

MEIA-NOITE/POMBAGIRA

Salve, Exu da Meia-Noite,
Salve, Exu da Encruzilhada,
Salve, o Povo de Aruanda,
Sem Exu não se faz nada. (bis)

Com sete facas cravadas numa mesa,
Sete velas a iluminar,
Chama à gira Pombagira,
Vamos com eles trabalhar. (bis)

***

POMBAGIRA/TRANCA-RUAS/MARABÔ

Santo Antônio de Batalha,
Faz de mim um trabalhador. (bis)
Corre gira Tranca-Ruas,

Pombagira e Marabô, Exu. (bis)

***

POMBAGIRA/TRANCA-RUAS
Deixa a moreninha passear,
Deixa a moreninha passear,
Oi, deixa a moreninha passear,
Seu Tranca-Ruas,
Deixa a moreninha passear.

***

POVO DO CEMITÉRIO

Cemitério é praça linda,
Ninguém queira passear. (bis)
Catacumba é casa branca,
É casa de Exu morar. (bis)

***

SUBIDA DE EXU

E Exu vai pelo pé, pelo pé,...
E ele vai pela mão, pela mão... (bis)
Exu já vai embora, Ganga com Ganga,
É no gongá. (bis)

Olha Exu como caminha,
Ele vai caminhar.
Caminhar pra sua banda,
Exu vai caminhar.

***

EXU FECHA A PORTEIRA

Portão de ferro,
Cadeado é de madeira. (bis)

Exu toma conta,
Exu presta conta,
Seu Exu fecha a nossa porteira. (bis)

***

EXU DA MADRUGADA

Laroiê Exu!
Exu é mo juba!

Já é meia noite,
Na encruzilhada,
Mate o bote preto,
Exu da Madrugada. (bis)
Vamos sarava,

Toma seu marafo,
Queima sua fundanga,
Tira meu fracasso.
Já é meia noite...

Lá na encruza,
Quando lá cheguei,
Conheci seu Veludo,
Com ele falei.

Já é meia noite...

Fiz minha entrega,
Para ser feliz,
Tenho tudo que quero,
Seu Veludo assim diz.

Já é meia noite...
Já é meia noite...

***

SEU SETE

Saravá Seu Sete!

Ó lelê, ó lalá,
Bota fogo na fundanga,
Seu Sete vai trabalhar. (bis)

Aqui neste terreiro,
Seu Sete já chegou,
Quem tiver sua demanda,
Seu Sete já tirou.

O lelê, o lalá…

Onde está meu bife cru,
Onde está o meu marafo,
Figa preta e vermelha,
Seu trabalho agora eu faço.

Ó lelê, ó lalá…

Leve uma galinha preta,
Farofa com dendê,
Vela preta e vermelha,
Seu Sete vai lhe atender.
Ó lelê, ó lalá…

Laroiê Exu!
Exu é mo juba!

***

TRANCA RUA

Laroiê Exu!

Saravá seu Tranca Rua!

Seu Tranca Rua, é uma beleza,
Eu nunca vi um Exu assim. (bis)

Seu Tranca Rua é uma beleza,
Ele é madeira que não dá cupim.(bis)

Laroiê Exu!
O meu Senhor das Almas,
De mim não faça pouco. (bis)
Olha lá que ele é Exu,
É Exu Arranca Toco. (bis)

O meu Senhor das Almas,
Disse que eu não valho nada. (bis)
Olha lá que ele é Exu,
Rei das Sete Encruzilhadas. (bis)

***

SEU 7 EM BATALHA

Com as almas do cruzeiro,
E a Coroa de Oxalá,
Defendendo os oprimidos,
Seu Sete vai batalhar. (bis)

Na luta das Santas Almas,
Todo mal perecerá,
Com as armas da caridade,
E a Bandeira de Oxalá. (bis)

***

ELA MORA NO JARDIM

Proprietária do jardim,
É amante do Exu,
Trabalha na encruzilhada,
É Rainha de Omulú.(bis)

***

TRABALHAR PRA QUÊ?

De madrugada quando eu vou descendo o morro,
A nega pensa que vou trabalhar. (bis)
Eu boto meu baralho no bolso,
Meu cachecol no pescoço,
E vou pra Barão de Mauá. (bis)
Mas trabalhar, trabalhar pra quê?
Se eu trabalhar eu vou morrer. (bis)

Capítulo 2
POMBAGIRA

Pombagira é uma entidade bastante controversa, tanto quanto Exu. Eles regem basicamente o mesmo tipo de coisa: tudo quanto é materialidade. Só que, enquanto Exu é o senhor da sexualidade, a Pombagira é a senhora das paixões; enquanto recorre-se a Exu quando a relação não está boa e o sexo não compraz, recorre-se à Pombagira por fertilidade e filhos. Elas são mulheres que conhecem o prazer e o sofrimento de cada coisa que fizeram em vida.

As Pombagiras também têm forte relação com a clarividência e as mesmas cartas de baralho usadas para o entretenimento podem ser usadas para ver o passado, o presente e o futuro.

Acredita-se que o nome seja uma corruptela de *Pambu Njila* (do kikongo, língua bantu de Angola), que teria virado *Mbobogiro* e, por fim, Pombagira. Ela é um *Inkice*, nome pelo qual são conhecidos os Orixás, nas nações bantus de Candomblé e Umbanda de Nação, especialmente em Angola. Pambu Njila é o mensageiro, intermediário entre os homens e os deuses. Da mesma forma como o Deus daomeano, Pombagira é a senhora dos começos e dos caminhos, da fertilidade e de tudo quanto é humano. É uma deusa bem próxima dos homens, sedutora, feminina, mulher.

Da mesma forma como Exu, não tolera dívidas e promessas não cumpridas, embora seja paciente em esperar seu pagamento.

Um grande equívoco, fomentado por preconceitos e moralismos sociais hipócritas, é vincular a imagem da Pombagira à da prostituta. Cada entidade tem sua história, algumas o foram em alguma de suas vidas, outras não. As histórias que os espíritos contam sobre suas vidas passadas são as mais diversas. Em geral, eles vêm com características mais formais a respeito de sua última vida.

É fato que os espíritos femininos que vêm hoje aos terreiros de Umbanda, como Pombagiras, foram mulheres mais livres, de vida menos regrada segundo os parâmetros sociais e que buscaram em primeiro lugar a felicidade na vida física, para aproveitar cada momento do corpo que possuíam. Isso não significa que eram a escória do mundo, pois o tom com que certos termos são atribuídos a elas denotam de maneira muito

pejorativa que a vida que levaram era ruim e não devia ser considerada, pois não traria nada de bom.

A realidade é que essa vida fez dessas mulheres, desses espíritos femininos, seres de uma sabedoria que não se aprende no templo ou nos livros. Uma sabedoria que não vem do resguardo, mas de arriscar-se. Por isso, praticamente todos os assuntos podem ser levados a uma Gira de Esquerda, os conhecimentos de Exus e Pombagiras estão profundamente ligados a algo que, quanto maior o nível da entidade em direção à "Direita", menor sua compreensão: o ser *humano*.

Os nomes de Pombagira

As Pombagiras são menos numerosas em termos de nomes, entretanto, o fenômeno que descrevemos a respeito de Exu e das adequações e títulos acrescentados a seu nome, valem muito mais para elas. Assim, fica mais fácil dar o nome da Pombagira e depois entender os títulos que podem vir com ela. Nem todas podem ter títulos ou se apresentam com eles – portanto destacaremos apenas aquelas que podem se apresentar com algum título.

As mais conhecidas e que já tiveram suas manifestações historicamente registradas são:

Pombagira Cacurucaia

Pombagira Cigana (Nome da Cigana)

Pombagira da Calunga

*Pombagira da Figueira**[1]

Pombagira da Lira

Pombagira da Meia-Noite

Pombagira da Praia

Pombagira Dama da Noite

Pombagira Dama das Sete Capas

Pombagira das Sete Liras

Pombagira das Almas

*Pombagira Maria da Estrada**

*Pombagira Maria da Praia**

Pombagira Maria das Almas

Pombagira Maria das Sete

Catacumbas

*Pombagira Maria de Minas**

Pombagira Maria do Cabare

*Pombagira Maria do Cais**

*Pombagira Maria Dolores **

*Pombagira Maria EuLilia**

Pombagira Maria Farrapo

Pombagira das Lagoas

Pombagira das Rosas

Pombagira das Sete Encruzilhadas

Pombagira do Cruzeiro

Pombagira do Lodo

Pombagira do Mangue

Pombagira do Reino da Lira

Pombagira dos Ventos

Pombagira Fiqueira do Inferno

Pombagira Ganga

Pombagira Giramundo

*Pombagira Madalena Sofia**

*Pombagira Maria Alagoana**

*Pombagira Maria Baiana**

Pombagira Maria Molambo

*Pombagira Maria Morena**

Pombagira Maria Mulambo

*Pombagira Maria Navalha ou Maria Navalhada**

Pombagira Maria Padilha

Pombagira Maria Quiteria

*Pombagira Maria Rita**

*Pombagira Maria Rosa**

Pombagira Maria Sete Covas

Pombagira Maria Sete Encruzilhadas

Pombagira Maria Sete Navalhas

Pombagira Maria Sete Ondas

*Pombagira Maria Bonita **

Pombagira Maria Caveira

Pombagira Maria Cigana

Pombagira Maria Sete Veus

Pombagira Menina

Pombagira Mirim

Pombagira Mirongueira

Pombagira Rainha

Pombagira Rainha das Rainhas

Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas

Pombagira Rainha do Cemiterio

Pombagira Rainha Sete Saias

Pombagira Rosa Caveira

Pombagira Rosa da Calunga

Pombagira Maria Sete Punhais

Pombagira Maria Sete Rosas

Pombagira Maria Sete Saias

Pombagira Rosa Vermelha

Pombagira Sete Calungas

Pombagira Sete Canoas

Pombagira Sete Capas

Pombagira Sete Catacumbas

Pombagira Sete Chaves

Pombagira Sete Coroas

Pombagira Sete Cruzes

Pombagira Sete Encruzilhadas

Pombagira Sete Estrelas

Pombagira Sete Luas

Pombagira Sete Marcs

Pombagira Rosa da Encruzilhada

Pombagira Rosa da Madrugada

Pombagira Rosa da Noite

Pombagira Rosa das Almas

Pombagira Rosa do Cabare

Pombagira Rosa do Lodo

*Pombagira Rosa dos Ventos**

*Pombagira Rosa Maria**

*Pombagira Rosa Menina**

*Pombagira Rosa Morena**

Pombagira Rosa Negra

Pombagira Sete Navalhas

Pombagira Sete Ondas

Pombagira Sete Pembas

Pombagira Sete Portciras

Pombagira Sete Punhais

Pombagira Sete Rosas

Pombagira Sete Saias

Pombagira Sete Tridentes

Pombagira Sete Ventanias

Pombagira Sete Veus

Pombagira Veludo

Na lista de nomes, alguns deles seguem em destaque. Isso por que são de Pombagiras, como já foi dito, que podem se apresentar sob regência de diversos elementos e, para isso, acrescentam ao seu nome original um título: das Almas, da Encruzilhada, das Sete Encruzilhadas etc. O nome que acrescentam ao seu título está relacionado a sua regência:

- Rainha – Regência de Oxalá ou Exu, propriamente. Denota comando, em geral é uma chefe de falange e responde diretamente por um determinado tipo de entidade.
- Do Cruzeiro, dos Sete Cruzeiros ou do Cruzeiro das Almas – Regência de Omolu

ou Nanã, tal qual com o título “das Almas”. São as que trabalham no Cruzeiro do Cemitério, tarefa árdua, pois esse local, dada a sua natureza, é a porta de passagem e de comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos.

- Dos Infernos – Regência de Exu e Iansã; embora o título seja um tanto cristão, a referência relaciona-se mais com as Pombagiras que estão profundamente atreladas a relações de causa e consequência, aquelas que fazem cada um pagar o justo preço por cada um de seus atos.
- Do Cabaré – Regência de Iansã e Oxum; são Pombagiras relacionadas à boemia, à festividade, quase em sua totalidade foram prostitutas e cafetinas e por isso sabem, exatamente, o valor da vida e como valorizar o próprio corpo como um templo pessoal, como berço da vida e das paixões.
- Da Estrada – Regência de Ogum. São Pombagiras nômades, não param em muitos lugares, mas também podem estar relacionadas com entidades regionais brasileiras cultuadas na Jurema e no Catimbó, que levam esse nome por serem migrantes.
- Da Figueira – Regência de Xangô; são Pombagiras mais calmas, com profundo senso de justiça, em geral, bastante ligadas à família. Usam sua natureza para aconselhar especialmente sobre a família.
- Das Sete Navalhas ou das Sete Facas – Regência de Ogum. Foram mulheres guerreiras e tratam com todo tipo de demanda.
- Das Almas, do Cemitério ou da Porta do Cemitério – Regência de Omolu ou Nanã, relacionam-se com cemitério, morte (tanto no sentido físico como no sentido figurativo de recomeço e renovação), saúde etc.
- Das Sete Encruzilhadas – Regências de Ogum, Oxóssi ou Exu Orixá, tem a ver com demandas, caminhos, metas e objetivos profissionais e materiais.
- Do Mar ou da Calunga – Regências de Oxum e Yemanjá – embora um Exu ser regido por um orixá feminino seja mais raro, mas não impossível – referem-se à família, à espiritualidade, à fertilidade, à criatividade.

Os ideogramas de Pombagira

Ideogramas são símbolos comumente utilizados para compor os pontos de Pombagira. Em geral, eles são linhas curvas entrelaçadas, formando encruzilhadas abertas (em forma de X), linhas retas formando o mesmo tipo de padrão, tridentes de traços retos ou curvos, pontos com o centro aberto, “X” etc. Para entender melhor o significado de cada ponto, veja, na seção a seguir, uma série de pontos que trazem e ilustram esses ideogramas e símbolos.

Os selos de Pombagira

Selos são outras maneiras de se referir aos pontos riscados de cada Pombagira. Eles compõe uma forma de evocar a entidade sem a necessidade da incorporação – assim, evoca-se a energia e a vibração daquela entidade, ou ainda, durante a incorporação, eles são traçados no chão para manter aberto o vínculo com o mundo espiritual para que a entidade possa se valer da energia de lá, sem puxar energia do médium.

Um selo ou ponto riscado pode ser desenhado de várias formas.

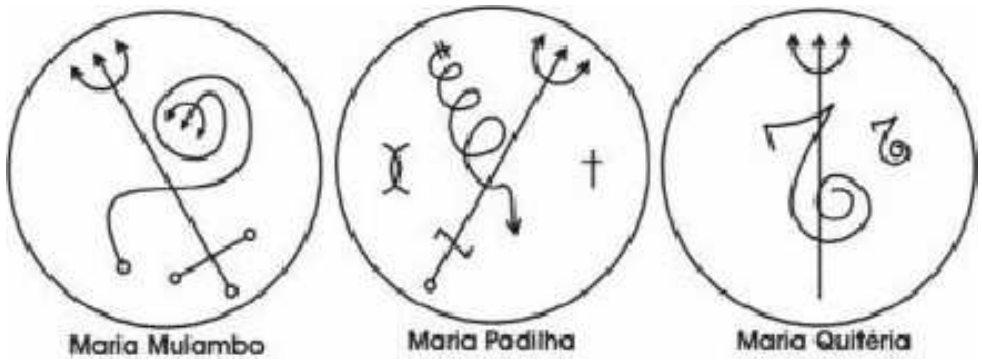
- Riscado com pólvora – quando se desenha um ponto no chão com pólvora e acende-se, em geral, evoca-se a energia mais agressiva da Pombagira, a mais potente. É usado somente em casos de extrema necessidade e com muita parcimônia – a pólvora, além de ser um elemento físico difícil de manipular com segurança, pode causar acidentes e, espiritualmente, traz uma carga de energia muito grande, que apenas sacerdotes experientes conseguem manipular e controlar. É usado em casos de doenças, demandas difíceis, acabar com conflitos ou ainda proteger um ambiente fisicamente.
- Riscado com Pemba – pode ser usada pemba branca ou vermelha na hora de riscar um ponto de Pombagira, em geral, o ponto riscado com pemba pode ser usado para a maior parte dos trabalhos e dos rituais, pois é a forma mais comum de traçar o desenho pertinente ao selo.
- Selo Fixo – somente no caso de um templo ou um espaço totalmente dedicado a Pombagira é que se deve traçar um ponto fixo, isto é, feito no piso com qualquer tipo de material que não possa ser apagado. Ele passará a ser o suporte espiritual do lugar e, em geral, onde esse ponto está riscado, é difícil invocar entidades, guias e orixás da Direta.
- Areia da Praia – No caso das pombagiras, seus selos também podem ser traçados no chão com areia ou na areia da praia, para banir um determinado tipo de energia.

10 Selos / Pontos Riscados de Pombagiras

Seguem alguns exemplos de Selos (pontos riscados) de Pombagiras bastante conhecidos na Umbanda.

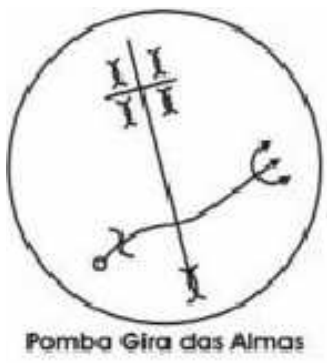
Há menos pontos de Pombagira disponíveis por uma infinidade de motivos, alguns dos mais comuns são os fatos de que elas desenham muito menos seus pontos “reais” que os Exus o fazem (por vezes só desenham parte ou modificam-nos, para não entregar seus segredos), e também porque muitos pontos estão ligados àquilo que a entidade rege, portanto, muitas entidades – Exus e Pombagiras – compartilham uma mesma área de atuação, portanto, muitos pontos de Exu servem para identificar os das Pombagiras de mesma regência. A exemplo, os pontos do Exu da Calunga e da Pombagira da

Calunga são muito semelhantes e modificam-se muito pouco, com apenas alguns elementos que dão identidade a este ou àquele, mas nunca excluindo os elementos de sua regência.


Maria Mulambo

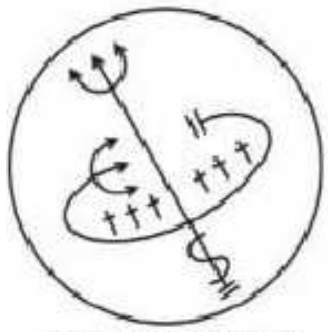
Maria Padilha

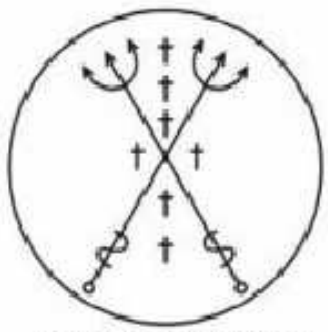
Maria Quitéria

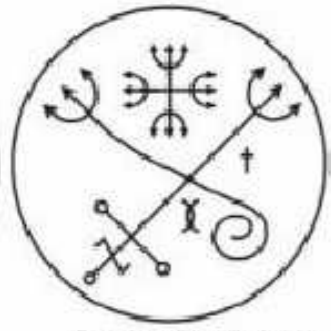

Pomba Gira das Almas

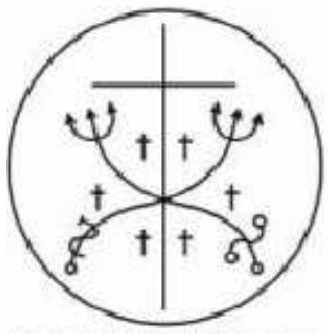

Pomba Gira Menina


Pomba Gira Cigana


Pomba Gira Cigana


Pomba Gira da Praia


Pomba Gira Rainha


Pomba Gira do Cruzeiro

As cantigas de Pombagira

A sua catacumba tem mistério,
Mas, ela é a Rainha do Cemitério!
Mas, ela é loira, dos olhos azul,
Maria Padilha, Filha de seu Omulú!

***

Sua Coroa é de Ferro,
Sua Capa é Encarnada,
Salve Exu e Pombagira!
Rainha das Sete Encruzilhada!

***

De onde é que Maria Padilha vem?
Onde é que Maria Padilha mora?
Ela mora na mina de ouro,
Onde o galo preto canta,
Onde criança não chora!

***

Mas que caminho tão escuro,
Que vai passando aquela moça?
Dê vestidinho de chita,
Estalando osso com osso…

***

Eu venho aqui,
Pra vencer minha batalha!
Eu venho aqui,
Pra vencer minha batalha!
Eu sou Pombagira,
Pombagira Sete Navalha!

***

Eu vi atravessando, aquela rua,
Uma moça bonita,
Vestidinha de chita,
Mas ela era,
A Pombagira da Calunga,
Que arrebentou,
Sete catacumbas!

***

Exu laroiê
Ela gira no ar,
Ela gira na praça,
Ela gira na rua,
Eh, eh, eh, eh
Ela dança, ela canta
E vive sorrindo em noite de Lua
Eh, eh, eh, eh
Ela é sincera,
Ela é de verdade,
Mas cuidado amigo,
Ela não gosta de falsidade!

***

Vinha caminhando a pé,
Para ver se encontrava,
A minha Cigana de fé!
Vinha caminhando a pé,
Para ver se encontrava,
A minha Cigana de fé!
Ela parou e leu minha mão,
E disse a mais pura verdade!
Eu quis saber aonde mora,
A Pombagira Cigana!

***

Pombagira Maria Farrapo,

De bar em bar,
Vem chegando na Umbanda,
Bebendo cachaça,
Ela vem vencer demanda!
Foi mulher da vida,
Tem história pra contar,
Saravá, Maria Farrapo!
Iná, iná mojubá!

***

Padilha,
Soberana da estrada,
Rainha da encruzilhada
E também do Candomblé!
Suprema, é uma mulher
De negro,
Alegria do terreiro,
Seu feitiço tem axé!
Mas ela é,
Ela é, ela é!
A rainha da encruza
E mulher de Lúcifer!

***

Moça me dá um cigarro do seu,
Pra fumar?!
Que nem, dinheiro eu tenho pra, comprar!
Vivo sozinho,
Vivo na solidão,
Maria Padilha,
Me dê a sua proteção!

Ô moça, ô moça
ô moça me tira dessa poça!

Ô moça, ô moça
ô moça me dê a sua força!

***

Foi uma rosa,
Que encontrei na encruzilhada,
Foi uma rosa,
Que eu plantei,
No meu jardim…
Maria Molambo,
Maria Mulher
Maria Padilha
Rainha do Candomblé!

***

Boa noite moça!
Boa noite!
Dona Maria Mulambo,
Como eu lhe procurei!
Andei, andei, andei,
Hoje eu te encontrei!

***

Ciganinha, ciganinha,
Da sandália de pau,
Cuidado com essa moça,
Cuidado que ela mata,
Quando ela bate o pé
ela faz o bem,
e ela faz o mal!
Olha a saia dela, re rê
É Mulambo só!

Sua saia tem sete metros,
Sete metros é Mulambo só!

***

Deu meia-noite,
A Lua se escondeu!

Lá na encruzilhada,
Dando a sua gargalhada,
A Pombagira apareceu!
A Laroiê, laroiê, laroiê!
É Mojubá, é Mojubá, é Mojubá!
Ela é Odara,
Quem tem fé nessa Lebara,
É só pedir que ela dá!

***

Ganhei uma barraca velha,
Foi a Cigana quem me deu!
O que é meu,
é da Cigana, é da Cigana,
O que é dela, não é meu!
Ô Cigana poerê,
Poerê, poerá!
Ciganinha poerê,
Poerê, poerá !

***

Pombagira Maria Navalha,
Na sua história de menininha,
Não tinha livros, ela não estudou…
Mas pra seus quinze anos,
Ela foi embora e nunca mais voltou,
O que será que aconteceu?
Tinha sete homens como professor!

***

A sua tenda,
Está firmada na estrada,
A sua vida tem história pra contar!
Ela não tem paradeiro,
Anda de lá pra cá,
Traz uma rosa na mão,
Para lhe ofertar!

Traz um baralho na mão,
Para lhe ajudar!

***

Pombagira você é uma rosa,
Que nasceu da coroa de espinho,
Pombagira você é uma rosa,
Que nasceu da coroa de espinho,
Pombagira você é uma rosa,
Você é uma rosa, no meu caminho!

***

Ela veio de tão longe,
Sem conhecer ninguém!
Ela veio de tão longe,
Sem conhecer ninguém!
Vem colher as flores
Que na estrada tem!

Os nomes de Pombagiras assinalados com um asterisco (*) ao lado são daquelas que, muitas vezes, nas casas onde existe culto dissociado de Exu para Mestres e Malandros, têm maior tendência a não virem na Linha de Exu, embora ainda respondam pela Esquerda.

Capítulo 3
MALANDROS E OUTRAS ENTIDADES DA ESQUERDA

Este capítulo é um complemento a tudo que já foi falado aqui. Nem todas as entidades da esquerda são Exus e Pombagiras.

Na Esquerda também agem os Malandros, os Exus e as Pombagiras Mirins, os Encantados e Mestres da Jurema e do Catimbó, entre outros. Em algumas casas, especialmente fora de São Paulo – onde já existem linhas próprias para entidades regionais, como as Linhas dos Baianos, Mineiros e Gaúchos – essas outras entidades podem vir nas Giras de Esquerda, ou mesmo das de Exu e Pombagira, dependendo do caso.

Malandros

Os Malandros podem ser considerados entidades regionais, já que grande parte de suas manifestações se dá no Rio de Janeiro. Malandros são entidades de Umbanda cultuadas nesse Estado e cujo maior representante é Zé Pelintra.

Em geral, os Malandros, quando lhes é dada essa possibilidade, vestem-se de branco, com sapato e chapéu combinando, adornados com detalhes em vermelho e raramente em preto. Existem algumas exceções a essa regra, como é o caso do Malandro Zé Pretinho, que veste terno preto e bengala, e, por isso, muitos confundem com Exu. Há também muitos Malandros que encarnam a figura do sambista, com camisa listrada e chapéu panamá de palha.

Existem também as Mulatas, figuras femininas dos Malandros, e as "Marias", entidades de nome mais popular, muitas delas com histórias divulgadas além da Umbanda e dos Ritos de Encantaria, como Rosa Palmeirão, citada em alguns livros de Jorge Amado, que hoje são entidades da Linha dos Malandros.

Outras entidades que hoje também são tidas como Malandros são provenientes da Jurema e do Catimbó, onde são Mestres e Encantados. Sobre essas entidades, que atendem na Esquerda e são provenientes dessas origens, existem essas cantigas:

Saravá, Seu Zé!
Seu Zé, ele é mestre de Aruanda
Saravá sua quimbanda
Vem chegando devagar
Seu Zé, ele é mestre de Aruanda
Saravá sua quimbanda
Vem chegando devagar
Quando ele chega
Chega sempre sorridente
Com o cigarro entre os dentes
De branco pra amenizar
O desamor que existe nessa terra
Sabe nos livrar da guerra
E sem mais quer nos levar
Não há demanda que possa lhe derrubar
Ele é cabeça-feita
Tem um nome a zelar
Mas desaforo não aceita
Nunca se deixa levar
Ele sempre ajuda quem nele tem fé
Diz aí: Saravá, Seu Zé!

É na palma da mão e cantando com fé
Diz aí: Saravá, Seu Zé!
Saravá, Seu Zé!
Saravá, Seu Zé!
Saravá, Seu Zé!
Ele sempre ajuda quem nele tem fé.

***

Saravá, Seu Zé!!!
De manhã, quando eu vou descendo o morro
A "nêga" pensa que eu vou trabalhar
De manhã, quando eu vou descendo o morro
A "nêga" pensa que eu vou trabalhar
Eu boto o cachecol no pescoço
Boto o baralho no bolso
E vou pra Barão de Mauá
Eu boto o cachecol no pescoço
Boto o baralho no bolso
E vou pra Barão de Mauá
Trabalhar, trabalhar...
Trabalhar pra quê?
Se eu trabalhar eu vou morrer
Trabalhar, trabalhar...
Trabalhar pra quê?
Se eu trabalhar eu vou morrer.

***

Seu Zé tá bêbado por quê?
Ainda não vi Seu Zé beber
Seu Zé tá bêbado por quê?
Ainda não vi Seu Zé beber
Bota no copo que a caneca tá furada
Seu Zé não bebeu nada
Bota no copo que a caneca tá furada
Seu Zé não bebeu nada.

***

De terno branco
Seu punhal de aço puro
Seu ponto é seguro
Quando vem pra trabalhar
Segura o "nêgo"
Que esse "nêgo" é Zé Pelintra
Na descida do morro
Ele vem trabalhar.

***

Seu Zé Pelintra é um cabra bom
Seu Zé Pelintra é um cabra bom
Que não me deixa escorregar
Vence demanda, quebra feitiço
Ele é o mestre lá da Encruza.

***

Mulher, mulher
Não tenha medo do seu marido
Mulher, mulher
Não tenha medo do seu marido
Se ele é bom na faca, eu sou no facão
Ele é bom na reza, e eu na oração
Ele diz que sim, eu digo que não
Eu sou Zé Pretinho, ele é lampião.

***

Seu Zé Pretinho quando vem
Ele traz sua magia
Para saudar todos seus filhos
E retirar feitiçaria
Pisa na Aruanda, Zé Pretinho eu quero ver…
Pisa na Aruanda, Zé Pretinho eu quero ver…
Pisa na Aruanda, Zé Pretinho eu quero ver…
Pisa na Aruanda, Zé Pretinho eu quero ver…

Entidades de outras Origens: Jurema e Catimbó[1]

Jurema e Catimbó são cultos de cunho mágico-religioso provenientes do Nordeste brasileiro, que se originaram da fusão entre os ritos católicos europeus, especialmente do Catolicismo Popular com a Pajelança Indígena, embora em algumas regiões haja também alguma influência negra.

De maneira sucinta, não podemos dizer que o Catimbó é uma religião, mas sim uma manifestação doutrinário-religiosa de cunho popular, que extrai seus dogmas e liturgia de suas ordens fundadoras. Nas sessões em que se realizam as atividades dos catimbozeiros, os cultos se alternam entre as entidades ancestrais que se acercam da árvore da Jurema, dos Santos católicos, da Virgem Maria e de Jesus Cristo.

Nessas atividades é que fica mais evidente o papel da Jurema (*sp. mimosa hostilis*), uma árvore nativa do agreste e do sertão nordestinos. A bebida fabricada a partir de suas cascas é um psicotrópico que induz ao transe e causa um estado de sonolência. É usado para trazer revelações e libertar o espírito dos ancestrais nos indivíduo, permitindo, por exemplo, o trabalho dos Mestres Juremeiros. Na Jurema, eles bebem o vinho da Jurema, cuja receita é conhecida apenas pelos sacerdotes com graus mais elevados no culto, mas que consiste em uma variedade de ervas que é acrescida à Jurema, a qual se adiciona, em geral, vinho tinto ou vinho branco, dependendo da intenção.

A realização conjunta dos toques, das cantigas, da jurema e da consecução dos rituais induz o Juremeiro ao transe. Apenas um dos elementos sozinhos não é capaz de realizar tal ato. Os Mestres que se manifestam neste momento são seres Encantados[2] que habitam o Juremá.

O nome, Catimbó, é proveniente do tupi antigo e sua etimologia remete aos mais diversos significados. Contudo, sabe-se, graças à sempre presente prática da Magia no Catimbó, que em certos lugares o termo é pejorativo e usado no mesmo sentido de *feiticeiro* ou *mandingueiro*.

Já o Juremeiro, em geral, também é devoto dos Orixás africanos. Essa fusão entre as crenças deu origem a uma nação de Candomblé conhecida como Xambá, típica de Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Falemos então do culto da Jurema, que remonta a tempos imemoriais, especialmente no que hoje compete à região do litoral brasileiro no nordeste. Diversas tribos indígenas presentes nesse espaço reverenciavam a Jurema por suas propriedades, inserindo-a em diversos ritos que exigiam o transe para comunicar-se com os deuses ou com os espíritos. Nesse sentido, podemos falar, também, rapidamente do Toré, que é uma forma específica de culto à Jurema como árvore dos ancestrais, ainda praticada pelos descendentes diretos dos índios daquela região e no culto aos Encantados.

Essas manifestações, entretanto, acabaram severamente reduzidas por conta do

contato com o europeu, de forma que a tradição da Jurema sagrada teve de ser adaptada aos preceitos católicos, em razão da forte repressão colona aos cultos considerados pagãos. Assim, o vasto panteão aborígene foi gradualmente suprimido, sendo adotadas, nos rituais da população cabocla, as mesmas deidades do Catolicismo tradicional. O culto aos antepassados, porém, por sua grande influência, foi mantido e, ademais, adaptado à realidade dos Mestres da Jurema.

Tanto a Jurema quanto o Catimbó são religiões Xamânicas, isto é, são considerados cultos de transe e possessão, nos quais as entidades, conhecidas como Mestres, incorporam o corpo do Catimbozeiro e, momentaneamente, tomam controle do funcionamento básico do organismo.

Entretanto, diferentemente do que ocorre na Umbanda tradicional, em que os espíritos se organizam em Direita e Esquerda conforme a natureza positiva ou negativa que possuam, raramente assumindo a neutralidade ou o equilíbrio, os Mestres são relativamente neutros, podendo operar tanto boas quanto más ações, pois eles estão ligados à Terra, já que em vida foram curandeiros e figuras ilustres do Catimbó: quando vivos, realizaram inúmeros atos de caridade por intermédio do uso de ervas e de suas propriedades e poderes xamânicos, de modo que, com sua morte, teriam sido transportados a uma das cidades sagradas do Juremá, localizada nas imediações de uma árvore da Jurema plantada pelos que vieram antes dos que vieram antes.

Abaixo dos Mestres Juremeiros, encontram-se as entidades conhecidas como Caboclos da Jurema, espíritos ancestrais que representam os pajés e guerreiros indígenas falecidos, envidados ao Mundo Encantado de forma a auxiliarem os Mestres na realização de suas obras. Os Caboclos são sempre invocados no início do culto, antes mesmo da incorporação dos Mestres.

A estrutura do mundo espiritual da Jurema é semelhante ao que conhecemos do Catolicismo, com Céu, Inferno e Purgatório, em que a única diferença seria a existência do Juremá, o mundo espiritual a parte de tudo isso, em que habitam os Mestres Juremeiros e seus subordinados, com suas missões. O Juremá é composto por uma profusão de aldeias, cidades e estados, com uma rígida organização hierárquica, envolvendo todas as entidades catimbozeiras, tais como Caboclos da Jurema e Encantados, sob o comando de um ou até três Mestres. Cada aldeia tem três Mestres. Doze aldeias fazem um estado com 36 Mestres. No estado há cidades, serras, florestas, rios. Ao todo são sete estados: Vajucá, Tigre, Cadindé, Urubá, Juremal, Fundo do Mar e Josafá.

Essas manifestações, que variam entre Catimbó e Jurema, acabam se ramificando em quatro manifestações principais. Essas subdivisões do culto especificam, em cada caso, o espaço destinado a incorporação dos Mestres e Caboclos Juremeiros, além dos ritos complementares à ingestão do vinho que conduz ao estado de transe. Existe a Jurema de chão, a Jurema de mesa e a Jurema de terreiro.

Suas origens são muito análogas às da Umbanda, por conta da mestiçagem daquelas

que são as raízes do Brasil tal qual o conhecemos. Depois da chegada dos africanos no Brasil, quando estes fugiam dos engenhos onde estavam escravizados – especialmente no Nordeste –, encontravam abrigo nas aldeias indígenas, e por meio desse contato, os africanos trocavam o que tinham de conhecimento religioso em comum com os índios. Por isso, até hoje, os grandes Mestres Juremeiros conhecidos são sempre mestiços com sangue índio e negro. Os africanos contribuíram com o seu conhecimento sobre o culto dos mortos, *egun* e das divindades da natureza, os Orixás *Voduns* e *Inkices*. Os índios contribuíram com o conhecimento de invocações dos espíritos de antigos pajés e dos trabalhos realizados com os encantados das matas e dos rios. Por isso a Jurema se compor de duas grandes linhas de trabalho: a Linha dos Mestres de Jurema e a Linha dos Encantados.

Jurema Sagrada!
Na Jurema eu nasci,
Na Jurema eu me criei,
Na Flor do meu Juremá!
Ô Jurema!

***

ABERTURA DE JUREMA DE MESA

Bate asa e canta o galo
dizendo Cristo nasceu
cantam os anjos nas alturas
Rei nuíno
Gloriá nos céus se deu.

Gloriá nos céus se deu
abre a mesa e da licença
Santa Tereza
para os mestres trabalhar.

Oh, minha Santa Tereza
pelo amor de meu Jesus,
abre a mesa e de licença,
Santa Tereza
pelo irmão João da Cruz.

Por Deus eu te chamo

por Deus eu mandei chamar
(mestre tal) da Jurema
para vir trabalhar.

***

ABERTURA II

Setenta anos
Passei dentro da Jurema

Discípulo não tenha pena
de quem algum dia lhe fez mal.

Quando eu me zango
toco fogo em um rochedo
meu cachimbo é um segredo
que eu vou mandar pra lá.

***

ABERTURA III

Eu andei, eu andei, eu andei
Eu andei, eu andei, vou andar
sete anos eu passei foi em terra
outros sete eu passei foi no mar.

O Jurema preta, senhora rainha
abra a cidade, mas a chave é minha.

O tupirã nauê, o tupirã nauá
sou filho da Jurema
e venho trabalhar.

***

ABERTURA IV

A Jurema tem

a Jurema dá
mestre bom para trabalhar

Um trago que eu dei
meu ponto firmei
sete cachimbos acendi de um vez.

Eu já mandei buscar
vai fumaça para onde eu mandar.

Minha pisada é uma só
é na base do Catimbó.

***

AROEIRA

Aroeira é mestre
é bom mestre
aroeira é mestre curador.

***

JUNQUEIRA

É o mestre Junqueira
da Lagoa do Jucá.

Juntando eu venho,
juntando eu vou

O desembaraçando eu venho,
o desembaraçando eu vou.

***

CARLOS I

Mestre Carlos
é bom mestre

que aprendeu sem se
ensinar.

Passou três dias deitado
num tronco de Juremá.
Quando se levantou
era mestre para
trabalhar.

Seu doutor,
seu doutor,
bravo senhor,
Mestre Carlos chegou,
bravo senhor.

***

PEREIRA

Pau pereira
pau pereira
pau da minha opinião.
Todo pau que cresce e brota
não é o pau pereira então.

***

MANOEL DE ALMEIDA

Manoel de Almeida
vamos trabalhar
ele chegou agora
vamos trabalhar.

Com um pé na mesa
vamos trabalhar
outro de fora
vamos trabalhar.

***

CARLOS II

Seu doutor, seu doutor,
bravo senhor,
Mestre Carlos chegou.

Na rua da macaxeira
sete portas se abriu
com a fumaça ao
contrário
que Mestre Carlos
mandou.

***

CHAMANDO MESTRES I

Estava sentado na linha
comendo farinha
quando o trem passou.

Jogaram um balaio de matéria
que veio do inferno
o diabo mandou.

Pau-ferro, pau martelô
Vai virando, Pau martelô
(mestre) pau martelô.

***

CHAMANDO MESTRES II

Eu moro é debaixo d'água
debaixo da ponte eu venho

É na virada
é na virada
é na virada eu venho

é na virada
é na virada
é na virada eu vou.

***

CALDEIRÃO

Quem nunca viu venha ver
caldeirão sem fundo
ferver.

Ah, eu quero ver
queimar carvão
ah, eu quero ver
carvão queimar.

***

LIAMBA

Ô Liamba
Ô Liamba

é no charuto
é no cachimbo
é na fumaça
é na quimbanda.

Essas são as cantigas mais importantes e fortes do Catimbó. São com elas que se abrem os trabalhos e se prepara a roda para a vinda dos Mestres.

Ciganos da Esquerda

Na Umbanda, existe uma linha própria ao povo cigano, cujos detalhes podem ser obtidos no livro *Tudo que você precisa saber sobre Umbanda, Volume III*, desta mesma editora. Mas existem Ciganos de natureza mais arredia e mundana, que vêm na Esquerda e, por vezes, apresentam-se como Exus ou Pombagiras.

Já com os Ciganos, existe certa confusão entre sua ética e sua moral e aquela que é reconhecida pela nossa sociedade nos dias de hoje. Com os Ciganos que atuam na Esquerda, isso não é diferente. Esses Ciganos são regidos prioritariamente pelos elementos naturais (terra, água, ar e fogo) e, justamente por isso, apresentam-se na hora de usar a magia, a clarividência e outros artifícios que exigem a manipulação das forças da natureza.

Embora todos se apresentem como ciganos, é interessante perceber que em algum ponto, no plano espiritual, cada um deles está ligado a um determinado elemento natural, que, em geral, rege sua atuação no plano físico:

- Ciganos do Ar – trabalham com o equilíbrio, as emoções e as necessidades espirituais de cada indivíduo.
- Ciganos da Terra – são ciganos mais ligados ao comércio, que ajudam a resolver problemas de trabalho, problemas com justiça ou mesmo com a família.
- Ciganos do Fogo – estes regem assuntos que estão relacionados a conflitos, paixões, desejos.
- Ciganos das Águas – por último, estes regem o amor, a fertilidade, os sentimentos e as benesses do espírito.

Tal qual os Ciganos que se manifestam na sua própria Linha ou na Linha do Oriente, os Ciganos que se manifestam na Esquerda são, em geral, das seguintes etnias, as quais consideramos grandes famílias ou clãs ciganos na Umbanda:

- Ciganos Árabes – do Norte da África, do Egito e do Oriente Médio.
- Ciganos Ibéricos – em especial provenientes da Espanha e de Portugal.
- Família Real Cigana – vinda do Extremo Oriente, das Índias, extremamente raros.
- Ciganos do Leste Europeu – com vínculos na Romênia e em outros países.
- Ciganos Latinos – típicos dos povos que aqui se fixaram com a colonização, são ciganos com uma evolução espiritual menor, porém, mais próximos da realidade brasileira e nem sempre tão presos à moral e às tradições ciganas, têm forte vínculo com os Exus e Pombagiras Ciganas, isso quando não estão no mesmo nível de evolução.
- Ciganos Expurgos – ciganos não reconhecidos ciganos ou que foram tardiamente adotados por famílias ciganas, tendo se casado ou, ainda, abdicado de sua

condição enquanto cigano, e rejeitando suas tradições.

A moral dos espíritos Ciganos é muito mais dada à praticidade do que a mitos, lendas, crendices ou hipocrisia. Um exemplo é que muitas vezes eles aconselham exatamente como fariam como se estivessem vivos, então, quando uma pessoa pergunta a um Cigano sobre casamento, ela deve entender que o conselho dado tenderá a induzir a escolha ao do próprio grupo ou subgrupo étnico da pessoa, assim conservam-se as tradições, e com notáveis vantagens econômicas. Para a cultura deles, é possível a um rom casar-se com uma gadjí, isto é, uma mulher não rom, a qual deverá, porém, submeter-se a regras e a tradições rom, e eles acabam transportando isso para os demais aspectos da vida.

Aos filhos de entidades ciganas é dada uma grande liberdade, pois eles entendem que a liberdade é consequência da responsabilidade: a pessoa só consegue mantê-la se for responsável por seus atos, mesmo porque a base de suas crenças é a liberdade.

Seus símbolos são usualmente, unidos, o sol, a lua e as estrelas, numa bandeira multicor – isso na Umbanda. Há outros símbolos, mas estes representam aquilo que o Cigano tem de valioso.

O Cigano da Esquerda é mais individualista e não suporta a ideia de autoridade, rei ou governante – uma forma de anarquia e contestação da autoridade própria desses povos. Nem por isso eles deixam de respeitar e acatar os mais velhos – não porque eles sejam uma autoridade, mas porque têm poder para contar o que a vida lhes deu em termos de conhecimento e experiência. É sempre aos mais velhos que se recorre para dirimir eventuais divergências. Eles são ouvidos, mas nunca decidem sozinhos: cada decisão compete somente ao indivíduo que deve tomá-las. Esta é a responsabilidade do Cigano, seja ele de Esquerda ou de Direita.

Santa Sarah (de) Kali é sua santa protetora – ela carrega em seu próprio nome menção à deusa da morte e da destruição hindu, mas traz o manto branco da paz e se cobre com o pano do mais puro azul celeste, tudo porque a morte, a destruição são sempre preâmbulos do recomeço, da reconstrução de tudo quanto deve ser renovado.

PONTOS DAS CIGANAS

Vinha, caminhando a pé
Para ver se encontrava Pombagira Cigana de fé
Ela parou, e leu minha mão
E disse toda a minha verdade
Amigo, você não me engana, Pombagira Cigana é um Exu de fama. (bis)
Bem que eu lhe avisei, que você não jogava essa cartada com ela
Você parou no valete
E eu parei na dama (Eu parei na dama)

Amigo, você não me engana, Pombagira Cigana é um Exu de fama. (bis)

***

CIGANAS

Juraram de me matar, na porta de um cabaré
Sou Pombagira Cigana, sou Pombagira de fé
Sou Pombagira que gira na cabeça de quem quer.

***

CIGANAS

A Cigana tem, tem, tem, um sorriso sem igual
Faz um homem delirar e depois se apaixonar
Então eu vou, eu vou, vou casar contigo agora eu vou
Só não me caso contigo porque tenho um outro amor
Então eu vou, eu vou, vou embora agora já
Com os olhos cheios de lágrimas por não poder te amar.

***

PONTO DA QUITANDA

Olha a quitanda passando, essa quitanda é de Naô
Olha que bela quitanda, olha que bela quitanda
Olha que bela quitanda, essa quitanda é de Naô.

***

PONTO DO OURO DAS CIGANAS

É que eu tenho um balanço, eu tenho um balanço
Eu tenho um balanço na terra
É que eu tenho um balanço, eu tenho um balanço
De ouro no fundo do mar.

***

CIGANA RAINHA

Oi Cigana Rainha, oi Cigana linda
Leva a minha quizila, leva pro fundo do mar.

***

CIGANA DA PRAIA

Oi Cigana da Praia
Ela é da areia, ela é da praia, ela é do mar.
Ciganinha menina
Ela é da areia, ela é da praia, ela é do mar.

***

CIGANAS

A roseira que eu plantei
Não deu rosas, deu espinhos
Eu vou chamar uma Cigana
Prá limpar os meus caminhos.

***

DESPEDIDA DAS CIGANAS

Vai, vai, vai, a Cigana vai passear, oi vai
Por uma estrada florida, numa noite de luar
A cigana foi, foi, foi
A cigana foi passear, oi foi
Por uma estrada florida, numa noite de luar.

***

CIGANA DO JARRO

Se hoje tem festa lá na praça, Lanã com seu povo cigano
Alupandê prá Cigana do Jarro, alupandê Tiriri Lanã
E ele toca seu lindo violino, prá saudar a Cigana do Jarro.

***

PONTO FIRMADO DAS CIGANAS

Lerum, ele é patchô lerum
Ele é patcholá, lerum
Ele é patchô, lerum, lerum, lerum, lerum.

***

FESTA DAS CIGANAS

Amigos joguem flores e perfumes, joguem flores e perfumes
Que a cigana está em festa
Auê, Povo Cigano, auê dia de festa.

***

CIGANAS

Eu vinha pela praça, eu vinha trabalhando
Eu vi uma Cigana e ela 'tava trabalhando
É que não era Soraia, não era Saionara (bis)
Era a (...) e ela 'tava trabalhando.

***

CIGANAS

E a menina do sobrado, vai na encruza de sapato dourado
Reza pra Exu de joelhos, que a Cigana se veste de vermelho.

***

EXU CIGANO

Da tribo do Cigano eu vim, da tribo do Cigano eu vou girar,
Oi salve as sete linhas de Umbanda, salve a tribo do cigano.

***

CIGANO

Quem é ele, quem é ele, quem é ele quem vem lá
Ele é o Exu Cigano que chegou pra trabalhar
Mas ele traz na sua mão esquerda um violino pra tocar
Mas ele traz na sua mão direita um baralho pra jogar.

***

CIGANAS

O teu Ganga não me engana, o teu Ganga me enganou (bis)
Foi essa moça cigana, foi Atotô quem mandou
Pandeiro, pandeiro, pandeiro rê rê rê.

***

PONTO DO ORIENTE E EXU SETE CRUZEIROS

O Oriente é o lugar da paz, o lugar da vida
O lugar do amor
Eu sou Exu, é que eu sou Exu
Sete Cruzeiros na Linha do Oriente.

***

PONTO GERAL DE SUBIDA

Ogum mandou, chuva de fogo pra Exu ir embora
Ele é o dono da calunga, é o rei do cemitério.

***

PONTO DE SUBIDA DE EXU DE LINHA DE ALMAS

Sigo o meu caminho, que eu sou da Linha das Almas
Digo adeus para quem fica, boa noite que eu vou embora.

***

SUBIDA DE POMBAGIRA

Maria amarra a saia, é hora, é hora
Maria amarra a saia, Exu vai embora
Pombagira quando chama, prá dizer que tá na hora
Pombagira quando chama a falange vai embora.

Referência ao livro *Tudo que você precisa saber sobre Umbanda – Volume III*.

Ser um Encantado significa ter transposto a morte de maneira que ela foi um rito de passagem que não desprendeu totalmente o espírito da Terra. Ele ficou sendo um elo de ligação entre os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos.

Capítulo 4
OUTRAS ENTIDADES

Em todos os livros que já escrevi, procuro caracterizar por entidade todo e qualquer ser do plano astral ou espiritual que não seja de origem divina. Nesta obra não foi diferente, mas este é o capítulo em que falamos de entidades em que não, necessariamente, há concordância de serem chamadas assim, nem tão pouco sabe-se se podem ser caracterizadas como parte da Esquerda.

Para falar dessas entidades, é necessário relembrar um pouco a gênese da Umbanda. Sabemos que a Umbanda, embora possuidora de um padrão ritualístico próprio e distanciado de qualquer outro, formou-se por causa da junção de pelo menos quatro religiões: os diferentes cultos africanos trazidos pelos escravos negros provenientes d'África; o Catolicismo, base religiosa de todo o processo de colonização brasileiro; as religiões de diferentes povos indígenas do próprio território e, mais recentemente, ao instituir-se, no século XX, o Espiritismo de Allan Kardec, principalmente.

Dessa junção é que vem, primordialmente, as maneiras pelas quais podemos encarar as criaturas que atuam de maneira nociva na vida dos seres humanos e que, erroneamente são postulados como parte da "Esquerda":[1]

- Se olharmos pela dicotomia entre bem e mal do Catolicismo, podemos pressupor que existem Demônios em contraposição a Orixás – e não em contraposição aos Deus Criador, uma vez que ele é o princípio e o fim, o bem e o mal, portanto, ele cria a vida e as energias se alinham conforme necessário e pré-determinado.
- Se olharmos pelo âmbito do Espiritismo, teremos *kiumbas*, espíritos zombeteiros e trevosos que se contrapõe às energias do bem e do equilíbrio, assumindo-se como personagens contraditórios à ordem, buscando o caos e a destruição.
- Já pelo lado dos cultos indígenas, eles enxergam a personificação, não do mal ou das trevas, mas do Caos, que é a contraposição à ordem do Deus *Tupã*; assim, ela é personificada em figuras como *Anhangá*, uma divindade caótica que pode tomar o corpo dos homens e assumir o que bem entender a partir disso.
- Já no que concerne às religiões africanas, não existe uma entidade que consiga

causar o mal, pois tudo tem uma face positiva e uma negativa. Não existe algo como a personificação do mal ou a personificação do bem, pois a evolução só se realiza pelo equilíbrio.

Falaremos melhor sobre cada uma dessas possibilidades a seguir.

Demônios versus Orixás

O que são Demônios? Segundo a Bíblia, quando Deus criou o Céu e a Terra, esta continha abismos, e nelas existiam as criaturas das sombras que se opunham aos Anjos, iluminados e abençoados, criados diretamente por Deus e que habitavam os céus. Mais tarde, as trevas passaram a ser habitadas também pelos Anjos Caídos como Lúcifer e os outros Anjos que se rebelaram contra Deus e contra os homens.

Tomando isso pela cosmogonia da Umbanda, podemos postular – para a Umbanda com maior influência cristã – que são Demônios as criaturas que se opõe diretamente aos Orixás em seu trabalho de ordem, criação e evolução e, portanto, disseminam desordem, vício e caos.

Em geral, eles se organizam, segundo uma hierarquia semelhante à das Sete Linhas, mas, nesse caso, em Sete Instâncias[2] que se opõe diretamente às Sete Linhas:

- A Primeira Instância é a de Lúcifer, o Caído, que se contrapõe diretamente à Linha de Oxalá.
- A Segunda Instância é a dos Seres das Trevas, sob Comando de Dois Chefes: Beemoth e Leviatã, dois monstros das águas, e se opõe diretamente à Linha das Águas, à Iemanjá e à Oxum.
- A Terceira Instância é a dos Juízes Infernais, Minos, Acacus e Radamanto, responsáveis pela punição daquelas que contrariam as Leis e se entregam ao Caos e se contrapõe diretamente à Linha dos Ancestrais ou Yori e Yorimá.
- A Quarta Instância é a dos Príncipes dos (Anjos) Caídos – Samael, Azazel, Azel e Mahazael – que se contrapõe diretamente à Linha de Xangô, pois eles são falsas autoridades, falsos reis.
- A Quinta Instância é a dos Exércitos Infernais (Espíritos da falsidade, Espíritos da mentira, Instrumentos da iniquidade, Vingadores, Impostores, Poderes Volúveis, Fúrias e Tentadores ou Enganadores) e se opõe diretamente à Linha de Ogum, buscando a guerra e a destruição.
- A Sexta Instância é a dos Demônios que geram as calamidades (Acteus, Megalesius, Ormenus, Lycus, Nicon e Mimon) e se contrapõe diretamente a Oxóssi, minando toda a prosperidade que o trabalho traz.
- A Sétima e última Instância é a da Ordem dos Amaldiçoados (os falsos deuses, os Espíritos mentirosos, os Iníquos, os Vingadores, os Impostores, as Bruxas, os Apóstatas e os Infiéis) que se contrapõe diretamente à Linha do Oriente em sua sabedoria.

Esse sistema, contudo, só é valido e utilizado nas Umbandas que fazem uso da magia cabalística e não se atém completamente ao rito Umbandista puro.

De praxe, a Umbanda não lida com essas Instâncias e Entidades, ao que, também, não

há registros de manifestação direta dessas Instâncias no plano físico em seu âmbito (em geral, as poucas manifestações de Demônios no plano físico são cuidadas pela própria Igreja Católica com os ritos descritos em obras como o *Ritum Romanum*[3]).

Kiumbas, Espíritos Zombeteiros e Trevosos

Embora as Instâncias Demoníacas não se manifestem diretamente na Umbanda, alguns de seus servos, mais próximos do plano terreno, acabam por influenciar na vida dos seres humanos.

São espíritos atrasados que se valem de sua influência para causar discórdia, caos, dor, sofrimento, já que as energias geradas por esses estados acalentam e fortalecem as sombras, as trevas.

Alguns os chamam de *Kiumbas*, mas no Kardecismo, que usa um termo mais fácil de entender para leigos e pessoas da religião, eles são Espíritos Zombeteiros e Trevosos, obsessores que, de uma forma ou outra, nos fazem mal, sugam nossas energias e tentam nos influenciar nos momentos de fragilidade física, emocional e espiritual, a segui-los nos caminhos que eles escolheram.

Os Zombeteiros gostam de semear a discórdia, o caos, problemas, pois assim geram as energias das quais se alimentam. Os motivos pelos quais fazem isso são os mais diversos: ambição, vingança, frivolidade, engano. O certo é que são bastante prejudiciais, mas podem ser doutrinados a ir para o caminho do equilíbrio e evoluir em direção ao divino.

Já os Trevosos são mais difíceis de serem controlados, estão mais próximos das Instâncias mais inferiores e, em geral, usam os seres humanos como meio de infringir danos às entidades e aos guias que atuam em sentido oposto, nas Sete Linhas. Sua natureza é agressiva, profana e muito perigosa. Muitas vezes são confundidos com Demônios quando, na verdade, são servos e o máximo que podem fazer em seu nome é reproduzir suas influências.

Anhangá e outras entidades maléficas

Os índios, por sua vez, acreditavam na dicotomia entre o bem e o mal de maneira distinta: eles enxergavam na verdade, o eterno e parco equilíbrio entre a ordem e o caos, e sabiam que um não existe sem o outro. É necessário haver o mal para haver o bem e é necessário haver o bem para sabermos o que é o mal, pois tudo faz parte da criação do Deus Único, que é o princípio, o meio e o fim de tudo.

Assim, Anhangá, o Senhor do Mal, é uma oposição a Tupã, o Senhor da Ordem, aquele que tudo vê, o Sol.

O equilíbrio entre o positivo e o negativo

Para os africanos, por sua vez, não existe uma relação dicotômica, isto é, uma oposição entre o bem e o mal. Tanto um quanto o outro habitam em cada um de nós, assim como habitam em tudo quanto é ser vivente ou não da natureza, e nos Orixás, nos Anjos e em tudo que há.

Em princípio, essa crença no equilíbrio é o que norteia boa parte da Umbanda de Nação, já que o bem é tão relativo quanto o mal, depende da necessidade e da vontade de cada um.

Para entender melhor o funcionamento de tudo isso, faremos, no próximo capítulo, algumas explanações sobre esse assunto.

Para entender melhor o funcionamento do plano espiritual, é mais fácil dividi-lo, veja o próximo capítulo, sobre funcionamento e estrutura dos planos.

Essas instâncias são referências a Francis Barret, no livro *Magus – Tratado Completo de Alquimia e Filosofia Oculta.* As deduções a partir das instâncias são de obra da autora, visto que o livro é de 1801.

Do latim, Rito Romano (de exorcismos e demonologia).

Capítulo 5
AS LINHAS E A ESTRUTURA DA ESQUERDA

O fato de falarmos em Linha para a Esquerda é simplesmente para mantermos a mesma nomenclatura que para as Linhas da Direita. Também é importante lembrar que não existem verdades universais: o funcionamento do mundo não vai mudar se usarmos esse ou aquele nome. Assim, quer entre nós humanos, quer entre os espíritos que interagem conosco, cada um possui uma visão particular do mundo. Estabelecer um padrão, uma nomenclatura, um sistema que nos faça entender melhor o mundo a nossa volta não é algo individual, mas coletivo, com o intuito de fazer que todos se compreendam.

Da mesma forma, quando falarmos das Trevas, do lado sombrio e caótico do equilíbrio, como já fizemos no capítulo anterior, falaremos de Instâncias.

A partir dessa divisão, podemos organizar o seguinte organograma:

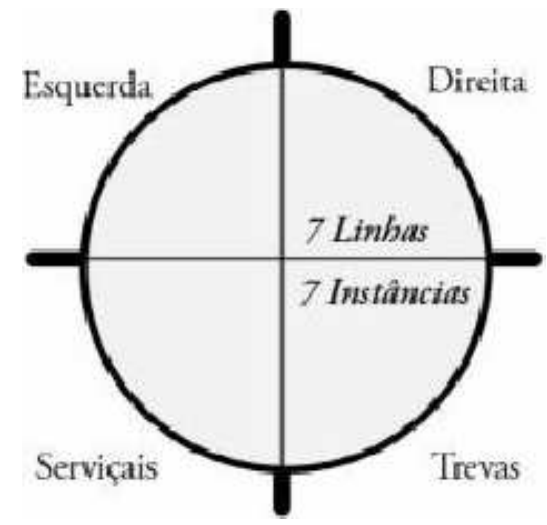


Figura 5.1.: *Organograma das Sete Linhas e Sete Instâncias na Direita.*

Podemos imaginar o plano espiritual como uma esfera que circunda e interage com o plano físico. Essa esfera está dividida igualmente entre quatro planos: os da Direita, Divino, que se contrapõe aos da Esquerda, dos espíritos que interagem com o mundo, ou Mundanos; acima, ficam as Linhas da Ordem (ou do Bem como algumas pessoas

assimilam mais facilmente) e abaixo, as Linhas do Caos (ou do Mal, para melhor assimilação). Esses planos, com esses nomes ou quaisquer outros que lhes venham a ser dados, interagem e se completam: eles são parte essencial do equilíbrio, pois um gera os parâmetros e os fatores necessários para que o outro exista – assim como a Esquerda completa a Direita, o mundo físico equilibra o espiritual, o Bem equilibra o Mal, do caos nasce a ordem e, por fim, sem trevas não existe a luz.

Essa dicotomia é necessária porque, a partir, dela é que se organiza o mundo tal qual o conhecemos: tudo que é positivo depende do negativo para existir e ser o que é.[1]

Linhas da Esquerda

Em geral, quando se fala em Sete Linhas da Umbanda, é comum que as pessoas expliquem quais são e não o que são essas Sete Linhas (sejam da Esquerda ou da Direita). E por que Sete e não Oito, ou Nove ou Doze? E por que linhas e não Exércitos? Por que Orixás e não Anjos? E mais que isso, que diferença isso faz em termos ritualísticos? Há alguma coisa essencial que tenha feito que conhecêssemos hoje em dia as Sete Linhas da Umbanda e não, por exemplo, Os Nove Tracejados ou os Doze Caminhos, ou ainda, As Dezessete Faixas?

Sim, para tudo isso existe um motivo. Aliás, um não: vários, nos quais se misturam razões espirituais, míticas, cosmogônicas, culturais, sociais e históricas . É por isso que, antes de qualquer coisa, é necessário entender esses motivos e explorá-los.

O Número Sete e suas Características Gerais

Vamos começar com uma pergunta muito simples que há muito tempo atrás eu, a autora, me fiz: por que são Sete e não mais ou menos linhas? Por que exatamente Sete?

Minha primeira reação foi buscar o maior número de ocorrências envolvendo o número 7 que pude encontrar, nas mais diversas áreas do conhecimento e em tudo que pudesse envolver Ocultismo, Misticismo, Esoterismo e Religiões – especialmente aquelas que influenciaram a Umbanda.

Começando a falar de coisas mais mundanas, percebi que 7 são os dias da semana e, mais do que isso, 28 (7 multiplicado por 4) é o número de dias do ciclo lunar e, também, do ciclo menstrual feminino, que gera a fertilidade e a vida humana. Assim, acabei me lembrando, também, que 7 foram os dias da criação e, que, por isso, 7 vezes ao dia os cavaleiros templários ocupavam-se rezando a Deus. Outras ocorrências históricas do número 7 são bastante conhecidas, também: na Grécia antiga havia 7 sábios e 7 Divindades que comandam a Natureza; são 7 as notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si; toda sepultura tem 7 palmos; existe a tradição de pular 7 ondas no *réveillon*; são 7 os algarismos romanos que somados fazem que se possa contar infinitamente; nos jogos, 7 é a soma das faces opostas de um dado de 6 lados (1 e 6, 5 e 2, 3 e 4), além de no baralho, a carta 7 não ser padrão como as outras e, quando jogamos dominó, começamos com 7 pedras nas mãos. Todas estas são pequenas curiosidades que facilmente podemos descobrir acerca do número 7.

Então, fui atrás da história e das outras ciências. Na arquitetura, me deparei com as 7 Maravilhas do Mundo Antigo (as Pirâmides de Gizé; os Jardins suspensos da Babilônia em Semíramis, na Babilônia; o Farol de Alexandria; o Colosso de Rodes; o Mausoléu de Halicarnasso; a Estátua de Zeus em Olímpia e o Templo de Ártemis em Éfeso) e do Mundo Moderno (Machu Picchu; o Taj Mahal; Chichén Itzá; o Cristo Redentor; a Grande Muralha da China; as Ruínas de Petra e o Coliseu de Roma. Mesmo na história do Brasil há consideráveis ocorrências relativas ao número 7: nas eleições brasileiras

são 7 os cargos eletivos; Lampião desafiou a policia de 7 Estados brasileiros; a carta de Pero Vaz de Caminha tinha 7 folhas; a Independência do Brasil aconteceu no dia 7 de setembro, mês que, embora seja o nono do ano no calendário Gregoriano, era o sétimo mês do calendário romano e, por isso, tem o nome iniciado com a palavra "sete"; além disso, o nome do Brasil aparece 7 vezes no Hino Nacional brasileiro e hoje, com a constituição promulgada e 1988 estamos na 7ª Constituição brasileira e, pelo visto, a mais duradoura. Além disso, segundo a física, são 7 as cores refratadas por um prisma e que podem ser observadas a olho nu em um arco-íris: 7 Cores refratadas pelo prisma: vermelho, laranja, amarelo, verde, anil, azul e violeta.

Será que tantas ocorrências assim são coincidências ou momentos distintos em que podemos ver a ordem do funcionamento deste mundo em ação, na sua lógica mais pura? Dizia Pitágoras :

A Evolução é a Lei da Vida, o Número é a Lei do Universo, a Unidade é a Lei de Deus.

Assim, crer que tudo não passa de grande coincidência, de fatos de entretenimento para curiosos, é um pouco de imaturidade. Temos a confirmação disso ao procurar o número 7 em tudo quanto está relacionado aos conhecimentos do Oculto e às religiões que deram origem à Umbanda.

Na Astrologia, verificamos que são 7 os astros sagrados, isto é, o Sol, a Lua e os planetas Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno (para outros, o Sol e a Lua são representações do Sagrado Masculino – Sol – e do Feminino – Lua –; incluí-se dentre os astros sagrados, então, Netuno e Plutão, os dois últimos astros do sistema solar). Também na Astrologia, há 7 constelações que possuem 7 estrelas e, segundo Tycho Brahe, astrônomo Dinamarquês, são 777 Estrelas no firmamento.

Ainda, no Espiritualismo, são 7 os Planos da Evolução, 7 os Elementais, 7 Grandes Princípios Herméticos; 7 signos são representados por animais e 7 os Princípios da Moral, além de 7 as Virtudes Humanas.

Já no Cristianismo, algumas das curiosidades relacionadas ao número 7 são bastante conhecidas, dada a vasta extensão do catolicismo no mundo moderno, canônico ou popular: diz a tradição que Joana D'Arc, ao ser queimada na fogueira, exclamou 7 vezes o nome de Jesus, que 7 anos foram gastos na construção do Templo de Salomão e que serão 7 as Trombetas a soar no Apocalipse, além de a última frase de Jesus, antes de morrer na Cruz, teve 7 palavras, mesmo em sua tradução do hebraico: "Pai, em tuas mãos, entrego o meu espírito". Mais que isso, são muitas as referências ao número 7 no Catolicismo canônico: os 7 Pecados Capitais (vaidade, avareza, ira, preguiça, luxúria, inveja e gula); são 7 As Virtudes Cardinais (castidade, generosidade, temperança, diligência, paciência, caridade e humildade); também são 7 os Sacramentos (batismo, confirmação, eucaristia, sacerdócio, penitência, extrema-unção e matrimônio). Além disso, eram 7 também as igrejas das antiguidades, os graus de hierarquia dos Anjos, as dores de Nossa Senhora, os Livros do Antigo Testamento, as Chagas de Cristo, entre

outros.

Todos esses fatores fazem do número 7 um dos pilares da cosmogonia da Umbanda, já que ela está profunda e intrinsecamente ligada ao Catolicismo popular e acaba herdando dele essas características.

Quando chegamos a falar sobre as relações do número 7 com os Orixás provenientes dos Cultos Africanos, aí a o assunto se complica um pouco. Tudo porque, diferentemente da cosmogonia judaico-cristã, que tem forte base nos números 1 (a Unidade), 3 (a Trindade) e 7 (A Criação), nos cultos africanos essa base muda para outra, bastante diversa e bem mais intrincada – que fique claro que, aqui, não falamos de matemática, mas de Visão e Organização Numérica do Mundo. Para os africanos, a base não está em apenas 3 números, mas em 16 – os 16 primeiros números da contagem numérica, da enumeração quantitativa – que representavam as possibilidades do Destino às quais estava vinculado o espírito humano. A isso foi dado o nome de Odus, sobre o que falaremos um pouco, antes de continuar as explanações sobre as 7 Linhas da Umbanda.

A Estrutura Básica das Sete Linhas

Com tudo o que já falamos sobre as religiões que deram origem à Umbanda, especialmente o Catolicismo e as religiões de origem africana, fica mais fácil entender como surgiu o sistema das Sete Linhas na Umbanda. A organização sistemática numérica, baseada no número Sete veio do Cristianismo e a regência, bem como a estrutura piramidal das Linhas, veio das religiões africanas. Assim, temos a Linha de Oxalá, a Linha de Ogum, de Oxóssi, de Xangô, das Águas, de Yori e Yorimá e do Oriente. Essas linhas funcionam de uma maneira bem distinta, numa estrutura piramidal, segundo o que segue:

1º Nível Hierárquico
1 Orixá Maior

2º Nível Hierárquico
7 Chefes de Legião

3º Nível Hierárquico
49 Chefes de Falange

4º Nível Hierárquico
343 Segundo-Comando de Falange

5º Nível Hierárquico
(Guias) 2.401 Chefes de Grupamentos

6º Nível Hierárquico
(Protetores) 16.807 Chefes Integrantes de Grupamentos

7º Nível Hierárquico
117.649 Entidades Integrantes de Grupamentos

Como podemos ver, além das influências que já vimos do Cristianismo e das religiões africanas, há também uma presença marcante da hierarquia entre os espíritos (de uma maneira quase militar, estratégica), típica da organização dos índios em tempos de guerra, isto é, importada de seu sistema social, contudo, baseada na evolução espiritual e na proximidade dos Orixás Maiores e do próprio Deus, padrão típico do kardecismo.

Portanto, após essa análise minuciosa e profunda, percebemos como surgiu a estrutura das Sete Linhas (provavelmente de maneira bem análoga à própria Umbanda, inserindo elementos das quatro religiões formadoras num mesmo sistema).

Contudo, falta responder, na minha opinião, a mais importante das questões, que acaba abarcando outras tantas: por quê?

Porquês e mais porquês

Não raro é que muitas pessoas digam que a fé está sempre cercada de mistérios e quem tem fé verdadeira não pergunta o motivo, apenas acredita e segue. Bom, essa doutrina nunca funcionou muito bem para mim e para muitas pessoas que eu conheço.

A Umbanda prega a evolução física e espiritual, portanto, é perceptível a necessidade concreta de acumular conhecimentos constantemente. E esses conhecimentos só chegam a nós quando o bichinho coçador que pergunta "por quê?" nos atazana tempo suficiente para não ficarmos em paz, mesmo ao ouvirmos a resposta "porque sim".

Então, nada mais justo que dizer: "Por que falar em Sete Linhas?".

A resposta, simples ou não, é que esta é apenas uma forma de ver o mundo, interpretar sua realidade e dar nomes aos que vemos, ouvimos, sentimos e entendemos. A partir do momento em que o homem desenvolveu a linguagem e as línguas, tudo quanto presenciamos é uma visão de mundo. O que é verdade para uns, não é verdade para outros.

Algumas vezes afirmamos ou vemos outros afirmarem que certas coisas "não existem", "não estão certas", "não podem ser feitas diferentes". Bom, aí é que está: nenhum de nós é detentor da verdade universal e, se tivéssemos o conhecimento dos Deuses, seríamos eles ou estaríamos ao seu lado, desempenhando sua função. Quando o fanatismo nos deixa cegos ou colocamos interesses e imagem pessoais acima do que é *verdade* para o nosso *Coração*, aí é que começamos a julgar o que o outro faz, como

ele faz e porque ele faz. E o fazemos sem mérito, capacidade ou moral para isso.

No meu último livro, toquei nesse assunto discutindo os conflitos e afinidades do Candomblé e da Umbanda entre si. Em alguns dos trechos, eu discuti justamente esta questão:

(...) poucos seres humanos têm a capacidade de respeitar as opiniões e as verdades dos outros. Parece que há um mecanismo em nós que nos incita a necessidade de convencer os outros de que, acima de tudo, estamos sempre corretos. A opinião do outro sempre precisa ser revista, pois raramente está "certa". (...) diferente do que possa parecer, as críticas não são fruto da maldade ou da intriga. Em 90% dos casos, elas são fruto do desconhecimento de uns sobre a prática dos outros. (...) Neste caso, quem está certo? Ninguém. Os adeptos do Candomblé têm seu ponto de razão e os de Umbanda também. E se os deuses e espíritos ou mensageiros se manifestam em ambos para cumprir suas missões é por que cada caso individual, quem julga o que pode ou não ocorrer, o que deve ou não ser feito, é o Orixá, não o ser humano. A ciência das próprias capacidades pertence a eles mesmos, e quando tecemos uma crítica contra o outro, tecemos críticas contra eles [os Orixás], prepotentes. Tanto este é o ponto que, quando um Orixá ou entidade não se sente bem dentro de um culto, templo, vertente religiosa ou casa, ele mesmo se incumbe de conseguir outro lugar e mudar-se, levando consigo o filho e quem mais estiver associado a ele. Tudo é uma questão de aprendizagem e de necessidade.(...)

Apoiada nessas palavras é que volto a dizer: o que coloco neste livro é apenas uma proposição sistemática, para que os interessados e adeptos da religião possam entender melhor o que são as Sete Linhas da Umbanda. Em muitas casas, a prática ritual e doutrinária pode diferir em tudo que está colocado aqui. Não quer dizer que este livro contenha informações erradas ou que a prática da Casa esteja errada. Quer dizer que as palavras mudam. O Universo é o mesmo, a maneira pela qual o vemos é que difere: só se outra pessoa fosse capaz de enxergar por meio dos meus olhos e sentir como eu sinto sendo eu é que ela seria capaz de concordar integralmente comigo.

Tal qual o lado direito da esfera, o lado esquerdo possui também Sete Linhas, que alternadamente vão sendo regidas por diversos espíritos, de acordo com a necessidade e a organização do plano espiritual naquele instante.



Figura 5.2.: *Organograma das Sete Linhas na Direita e Esquerda e Sete Instâncias na Direita.*

Sua contraposição também é válida, a parte da esfera equivalente, mas caótica, a dos Serviçais das Instâncias do Caos, também possuem Sete Instâncias.



Figura 5.3.: *Organograma das Sete Linhas e Sete Instâncias na Direita e na Esquerda.*

Enquanto a parte Direita é habitada por Deuses, Orixás e outras entidades Divinas,[2] o lado Esquerdo é habitado pelos espíritos desencarnados e Serviçais Diretos, bem mais próximos a nós já que os deuses propriamente ditos interagem de uma maneira muito mais sutil e quase imperceptível, especialmente aos olhos ocupados e aos espíritos agitados.

Assim, a Esquerda se organiza nas seguintes Linhas (lembrando que usamos essa nomenclatura para melhor identificação com as Sete Linhas da dos Orixás, mas, para efeito, poderiam ser chamados Sete Caminhos, Sete tipos de atributos dos Espíritos da Esquerda, entre outros que descreveriam da mesma forma ou até melhor as funções destas Linhas):

- *Primeira Linha – A Linha dos Pacificadores*
  São Espíritos e entidades que estão, ainda que na Esquerda (Exus, Pombagiras, Malandros e outros),[3] mais próximos da Ordem e da divindade, trabalhando o desenvolvimento espiritual e disseminando paz de espírito e caridade.

- *Segunda Linha – A Linha da Fertilidade*
  Essa Linha tem um profundo contato com a Linha das Águas, refere-se às relações humanas, especialmente às amorosas e de amizade, que resultam em produzir algo: filhos, casamentos, paixões, empreendimentos e é quase em sua totalidade representada por Pombagiras.

- *Terceira Linha – A Linha dos Protetores*
  São espíritos da Esquerda que guardam os Caminhos e têm uma larga experiência de vida, tornando-os grandes conhecedores dela e, consequentemente, grande conselheiros. São os Exus que aparentam maior idade física e os Exus e Pombagiras Mirins. Sua missão é mostrar o valor da vida física, como parte da evolução espiritual.

- *Quarta Linha – A Linha dos Guerreiros*
  Nessa Linha, encontram-se os espíritos que guerreiam e que resolvem conflitos. São espíritos da Esquerda, mas apresentam uma disciplina ímpar, quase militar. Resolvem demandas e desfazem obstáculos.

- *Quinta Linha – A Linha da Prosperidade*
  Esta Linha está intimamente relacionada ao trabalho. São Exus e Pombagiras que trazem dinheiro, prosperidade, boa vida e recompensam o esforço de cada um. Também é a eles que se pode recorrer quando acontece algum tipo de calamidade que destrua o trabalho ou as oportunidades de alguém. Eles são os responsáveis por abrir os caminhos e torná-los livres para caminharmos.

- *Sexta Linha – A Linha da Lei*
  São os Exus e as Pombagiras que mantêm o equilíbrio, cuidando para que toda questão seja resolvida com justiça, eles conhecem uma Lei muito antiga: a Lei da Ação e Reação. Eles são agentes dela, quando causamos alguma mudança – para o bem ou para o mal – são eles que trazem as consequências do que fazemos. Ninguém recebe além do que foi dado e são essas entidades que garantem isto.

- *Sétima Linha – A Linha da Visão*
  Essa linha está intimamente ligada a percepções extrassensoriais. Muitos dos Exus

e das Pombagiras que vêm nessa Linha são mentores espirituais, guias de clarividência e permanecem ao lado de muitos médiuns quando estes fazem uso de oráculos e outros meio para se comunicar com o plano astral.

Só que, da mesma forma como essas Linhas da Esquerda se organizam no sentido da Ordem, existe uma equivalência que mantém o equilíbrio do outro lado. São as Instâncias dos Servos ou Serviçais do Caos e elas funcionam justamente no sentido oposto aos da Esquerda:

- *Contrária à Primeira Linha – A Instância dos Iniquidade*
  São, em geral, espíritos Zombeteiros que incitam o conflito, a depressão, a tristeza, a dor e a revolta. O espírito humano inquieto é um ótimo terreno para cultivar o caos, o mal, a injustiça e outras tantas coisas das quais eles se alimentam e com que se fortalecem.

- *Contrária à Segunda Linha – A Instância da Esterilidade*
  Em geral, essa Linha também é regida por espíritos femininos, mulheres que em vida foram amargas por não saberem lidar com a maternidade ou fazer dela um ato criminoso, nocivo ou violento; da mesma maneira só cultivaram paixões mundanas, relacionamentos obsessivos e foram maldosas com aqueles que lhes dedicaram amor. Essas mulheres acabam se tornando incubadoras que secam a vida das mulheres encarnadas, e tentam convencê-las, por meio de sua influência, de que não existe relação baseada no amor, somente no interesse; de que à mulher não é dado o direito do prazer e da alegria, apenas o "sofrimento" da maternidade; que a mulher nunca deve se entregar pois será usada etc.

- *Contrária à Terceira Linha – A Instância dos Falsos Guias*
  São espíritos que, em geral, aproximam-se de médiuns pouco experientes e se passam por guias ou conselheiros, conquistando sua confiança para realizar ações nos mais diversos âmbitos; esses falsos guias passam assim a sugar a energia do médium, tirando-lhe aos poucos tudo quanto o faz ser humano; no começo, é difícil perceber quando é uma entidade dessas quem está agindo, porque elas sabem ser realmente convincentes e tentam fazer que o médium permaneça longe dos templos ou casas onde outras entidades poderiam reconhecê-lo. No princípio, elas parecem trazer prosperidade física, mas tudo que vem por meio dessas entidades vai embora pelo mesmo caminho e, com o tempo, a vida do médium começa a secar, na mesma medida que a dependência entre ambos torna-se cada vez maior, especialmente da parte do médium para com a entidade.

- *Contrária à Quarta Linha – A Instância dos Furiosos*

São espíritos de Guerra, de Conflito. Em geral, movidos por Vingança, procurando pagar com violência a violência que cometeram. Tomados pelo ódio, algumas das manifestações desses espíritos beiram a paranormalidade e eles são os mais capazes de mover objetos, iniciar incêndios, ligar aparelhos eletrônicos e queimá-los, além de assombrar lugares. Contudo, é uma Linha na qual muitos dos espíritos estão inconscientes do que fazem: cegos pelo ódio, pela dor, pela rejeição ou pela transição abrupta entre a vida e a morte, a maioria deles está perdida e desesperada por socorro.

- *Contrária à Quinta Linha – A Instância da Miséria*
  São espíritos que "vampirizam" os seres humanos. O termo pode parecer um pouco fantástico, mas, em maior grau, é exatamente isso que eles fazem: sugam vitalidade, saúde, energia, amor, paz, para se alimentar disso e permanecer no plano físico. São espíritos recentemente desencarnados e a maior parte deles não tem noção do motivo pelo qual realiza determinados atos, podendo ser ajudados a alcançar o equilíbrio. Alguns, entretanto, o fazem conscientemente: da mesma forma como alguns encarnados se veem no direito de roubar outros e, por mais que roubem fortunas, nunca saem do estado de miséria em que estão, assim também são os desencarnados que o fazem: não importa quantas pessoas "roubem", sempre continuarão no caos e na miséria.

- *Contrária à Sexta Linha – A Instância da Mentira*
  São espíritos que primam por causar a injustiça e por tentar influenciar os homens a mentir e enganar. Por que fazer isso? Bom, por que um homem (encarnado) que está feliz com sua companheira ou companheiro é infiel? Simples: buscando algum tipo de vantagem, que ele não sabe exatamente qual é, mas acha que pode existir. Com o tempo, o ato se torna tão comum que a cadeia concerne apenas a busca por algo que não se sabe o que é, isso quando não se esquece do objetivo e as mitologias pessoais acabam se tornando tudo que o espírito consegue vivenciar: ou seja, ele cria todo um novo mundo a respeito de si mesmo e de como ele se relaciona com as pessoas, baseado em suas mentiras e ilusões próprias, perpetuando isso para encarnados e desencarnados a sua volta.

- *Contrária à Sétima Linha – A Instância da Obscuridade*
  Os espíritos dessa Instância trabalham com a finalidade de obscurecer os dons de quem possui clarividência e de forjar falsas visões em quem abusa deles, seja por dinheiro ou por irresponsabilidade. A princípio, o fato de punirem quem não usa corretamente seus dons pode parecer um tipo de justiça poética, mas não é, pois, enquanto a pessoa achar que está fazendo o certo, continuará com o vício de enganar, mentir, iludir ou até mesmo prejudicar e manipular outras pessoas usando

como desculpa o mundo espiritual. Também são essas entidades que acabam por perturbar e assombrar as pessoas que usam corretamente seus dons. Em vida foram feiticeiros, bruxos sem ética, entre outros.

Estrutura e funcionamento

Entender como funcionam as esferas do plano espiritual que estão mais relacionadas à matéria foi o tema deste livro. Entretanto, é fundamental perceber como tudo isso se articula.



Figura 5.4.: *Organograma da estrutura e do funcionamento.*

No entanto, quase todas as referências que encontramos sobre o funcionamento do mundo espiritual são extremamente parciais e influenciadas pelo que as pessoas, médiuns e dirigentes acham "politicamente correto", afinal existem certas implicações do contrário quando se afirma algo diferente:

1. Se admitimos que existe o Mal (Caos) assim como existe o Bem (a Ordem), admitimos que existe uma escolha e que existe o livre arbítrio (o qual, muitas vezes, pensamos que não temos acesso – para entender, veja os pontos 2, 3 e 4) – e principalmente que ele é válido para seres humanos encarnados, desencarnados, entidades, guias, orixás, demônios, e que, dependendo das escolhas é que nos colocamos neste mundo, nesta realidade e existimos.
2. Ter escolha significa ser livre e poder transitar entre as diferentes oportunidades que nos são dadas, assim, a real possibilidade de modificar uma situação ou toda uma realidade depende exclusivamente de cada um, não importa qual seja: permanecer num plano ou seguir para o próximo, evoluir ou regredir, pleitear a ordem ou abraçar o caos.
3. As entidades estão aqui para nos ajudar em nossas escolhas, não para decidir por nós. Se uma entidade opta, por conta própria, por interferir, essa ação terá uma consequência, seja ela boa ou ruim, ela existe justamente para manter o equilíbrio.
4. Nenhuma entidade ou ser de qualquer espécie tem o direito de forçar o outro para obrigá-lo a fazer o que não quer. Muitas manifestações da espiritualidade tendem a

ser violentas e, não raras são as vezes em que nos é dito que só chegamos à Umbanda e às religiões de mesma linha por conta do sofrimento, ou por conta da persistência de uma entidade que nos venceu pelo cansaço. Por mais que exercer a espiritualidade por meio mediúnico seja uma missão que assumimos antes mesmo de nascer, assumi-la em vida deve ser uma atitude consciente, por vontade e não por necessidade ou coação. Assim, da mesma forma que uma pessoa deve enxergar a escolha que fez antes mesmo de vir para este plano – pois ela o fez de livre e espontânea vontade – a entidade que dá os sinais dessa mediunidade deve estar ciente de fazê-lo nos limites, respeitar o corpo do médium e ater-se à sua missão, procurando não extrapolar os limites dela.

Portanto, à medida que pensamos em tudo isso, percebemos que a Ordem pela qual as coisas funcionam, bem como o Caos que se contrapõe a ela, compõem a perfeição da Criação.

Essa força criadora, suprema e inegável é a perfeita representação do equilíbrio pelo qual existimos. O Universo vai muito além que os Deuses, Anjos, Espíritos e Homens podem compreender. Essa compreensão necessita de estudo, conhecimento e entendimento de que, em qualquer plano que estejamos, tanto o espiritual quanto o físico são de suma importância para entendermos a Plenitude da Existência.

É importante ressaltar que falamos isso em termos de existência. Nos termos das relações humanas, há muito mais fatores a considerar que estes. Feliz ou infelizmente, esse conceito nem sempre se aplica ao feminino e ao masculino, pois estas não são questões de existência, mas de gênero e reconhecimento de identidade – que não podem, consequentemente, ser caracterizados por uma dicotomia tão simples.

Quando falamos em Divinas, neste caso, referimo-nos a toda e qualquer entidade da Criação e não somente àquelas que competem ao lado da ordem. Até pela necessidade humana de estabelecer algum tipo de caminho a seguir, há certa prática em utilizar a palavra divindade apenas para deuses(as) bondosos(as) e simpáticos(as) aos humanos. A realidade é que a natureza divina é uma natureza bastante diferente e o conceito de vontade, dever, necessidade e escolha deles não se norteia, como os nossos por valores pessoais e baseados no ego, mas numa função a ser desempenhada para manter o equilíbrio do mundo.

Lembrando que, quando falamos de espíritos, referimos-nos àqueles que estão mais próximos da carne, do mundo como o conhecemos, das pessoas vivas e encarnadas. Quanto mais alto o grau de evolução de um espírito em direção à Ordem, mais ele segue em direção à “Direita”, isto é, à divindade e à compreensão de tudo quanto existe. Para saber mais, leia o livro “As 7 Linhas da Umbanda”, destas mesmas autora e

editora.

Apêndice 1
UMBANDA: MONOTEÍSMO OU POLITEÍSMO?

Uma das primeiras perguntas que nos fazemos, ao lidar com a Umbanda, diz respeito ao caráter plural de seu culto: como devemos considerar a Umbanda, uma religião politeísta (culto a vários deuses) ou monoteísta (culto a um deus único e supremo)?

A resposta não vem com muita facilidade e, por isso, esta introdução faz-se necessária para entender as diferenças dos papéis dos Orixás, quer estejam sendo cultuados na Umbanda, no Candomblé ou até mesmo nos cultos que serviram de raízes para ambos.

Quando falamos de Orixás (do iorubá, *ori*, a cabeça e *xá*, o rei, a divindade, assim, orixá é "o deus que habita a cabeça"), nos referimos aos deuses e deusas trazidos de África pelos tantos e numerosos negros que vieram ao Brasil por meio do tráfico negreiro nos períodos de formação do Brasil, em especial, no período colonial.

A palavra vem diretamente dos cultos iorubanos, que já no Brasil deram origem a nações como Nagô, Nagô-Ebá, Xambá, Ketu, Alaketu, entre outros. Entre os povos bantu, que no Brasil originaram as nações Angola e Congo, essas mesmas entidades são chamadas Nkisis. Nas diversas nações de Candomblé no Brasil, são cultuados aproximadamente 50 orixás diferentes, sendo os mais comuns e conhecidos, cerca de 20.

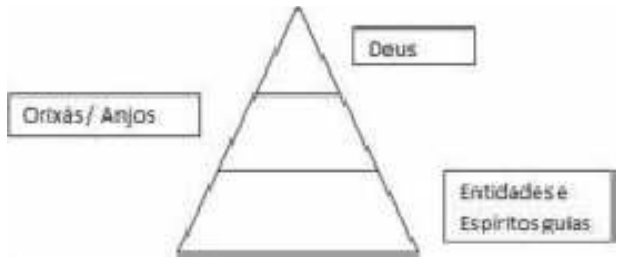
Na Umbanda, são cultuados poucos desses Orixás: Oxalá (mas sem distinções), Iemanjá, Oxum, Iansã (não Oyá), Nanã Buruku, Xangô, Ogum, Oxóssi, Exu (embora sua figura seja bastante controversa, pois a Umbanda cultua espíritos e guias que falam em nome do orixá, sem o culto à divindade) e Omolu (que por vezes também é visto como um exu, reinante no cemitério, calunga pequena). Algumas casas mistas ou de nação cultuam também outros orixás como Oxalufã e Oxaguiã (já estabelecendo a diferenciação entre as qualidades de Oxalá), Oxumarê, Ewá, Obaluaê, Ibeji (as crianças gêmeas, que na incorporação da Umbanda correspondem a São Cosme e São Damião), Obá, Oyá, Ossaim, Obatalá, Orunmilá-Ifá, entre outros. A questão, entretanto, ganha sua complexidade no momento em que, ao lado de tudo isso, temos a Umbanda

falando em nome de Jesus Cristo (cuja imagem também pode remeter a Oxalá) e de um Deus único (Zambi ou Olorum). Como pode então haver culto a outros deuses?

Herança do Catolicismo, presente inclusive no processo de sincretismo dos deuses africanos com os Santos cristãos, o monoteísmo adquiriu propriedades únicas sob os véus da Umbanda. Já no Catolicismo, cuja base em verdade é judaica, Deus é único e superior, mas existem abaixo dele, com cunho todo especial de divindades: os anjos, arcanjos, principados, santos, beatos, entre outros. Toda uma hierarquia, ligando o mais alto patamar da escala divina ao mais reles dos mortais.



Observando a pirâmide abaixo, percebemos como isso se deu no caso da Umbanda. Ela relaciona Deus (no topo da pirâmide, relacionado com Oxalá e Jesus Cristo, mantendo de forma peculiar a trindade cristã), abaixo dele, os Orixás (divindades provenientes dos cultos africanos que são sincretizadas com santos católicos e regem elementos naturais), em seguida as entidades em ordem de grau evolutivo (Caboclos, Pretos-Velhos, Ciganos, Marinheiros, Boiadeiros, Baianos, Mestres, Exus etc.).



Especificados esses papéis e colocadas essas interações entre as Entidades e Orixás, podemos dizer que a Umbanda assume, sim um caráter politeísta, crendo, contudo, num Deus único e superior, criador de tudo que existe, inclusive dos demais deuses. Essa teogonia peculiar organiza-se desde as Instâncias Superiores – Divinas – até as mais próximas dos homens. O umbandista (excetuando as casas de Nação e as casas mistas, talvez) acredita que Deus, com seu poder, por meio dos Orixás e dos Guias, leva aos

homens seu Amor, auxiliando na caminhada rumo à elevação espiritual e intelectual.

Assim, referir-se aos Orixás na Umbanda é falar de poderosas energias, forças da natureza que estão presentes em todos os lugares, influenciando as pessoas e mantendo o equilíbrio natural dos elementos. Eles são energias emanadas da divindade criadora e onipresente, subdivisões da unidade perfeita de Deus, tal qual os Anjos. Alguns, influenciados talvez pelo sincretismo, colocam-nos como espíritos que progrediram muito espiritualmente e que não necessitam mais do processo reencarnatório; a estes seria, então, dada a missão de organizar e orientar uma rede de espíritos com menos progresso espiritual que eles, ajudando-os a progredir. Esta, no entanto, é a função dos guias espirituais, e não raro é que sejam confundidos com os Orixás, especialmente em casos onde a influência kardecista predomina, dados os valores daquela vertente do Espiritismo. Na Umbanda, tal qual no Candomblé, cada pessoa está ligada a um esses Orixás, cujas características são encontradas em nelas, em forma física ou, mais evidente, nas características psicológicas e comportamentais.

Apêndice 2
QUEM É O EXU ORIXÁ?



Exu, Rei da Encruzilhada
Aquele a quem é dado o direito de comer primeiro

Lendas de Exu

São várias as lendas que concernem a Exu, mas, em especial, algumas contam as características mais cultuadas pelo povo de Umbanda nesse Orixá.

Conta uma dessas lendas que Exu era um andarilho, sem eira nem beira, não era rei, nem possuía qualquer riqueza, não tinha profissão, não conhecia nenhuma arte, não tinha um objetivo pelo que se esforçar. Quando não tinha mais o que fazer, ia até a casa de Oxalá, onde se divertia vendo o pai de todos fabricar os seres humanos. Com o tempo, passou a prestar muita atenção em tudo o que o velho Orixá fazia. Além de ver tudo quanto era feito dos seres humanos, Exu via todos que iam ali levar presentes e oferendas. Com o tempo, passou a ajudar Oxalá, pois viu por dezesseis anos como ele fabricava cada ser humano. Foi quando Oxalá percebeu que perdia muito tempo recebendo ele mesmo os presentes e as pessoas, no que pediu a Exu que ficasse na Encruzilhada que antecedia sua casa. Exu cumpriu perfeitamente seu papel, de não deixar passar ninguém que não fosse convidado e levar as oferendas para Oxalá, no que Oxalá o recompensou: todos que ali passassem, deveriam dar a Exu também uma oferenda e, assim, o seria em toda Encruzilhada na qual ele se pusesse. Assim, Exu virou o Rei da Encruzilhada.

Outra lenda sobre Exu reza que este, por ser o mais novo, irmão de Xangô, Ogum, Oxóssi, sempre recebia as homenagens que lhe competiam por último. Por querer mais atenção, ele vivia criando confusão e turbulência, o que fez que Oxalá, seu pai, decidisse castigá-lo com severidade, aprisionando-o. Seus irmãos mais velhos o aconselharam a fugir e deixar Orun (o Céu) no que ele veio para Ayé (a Terra). Mas, enquanto Exu estava no exílio, seus irmãos continuavam a receber festas e louvações. Ele não era mais lembrado e ninguém sequer procurava notícias de seu paradeiro. Usando mil disfarces, ele rondava nos dias de festas, as portas dos templos de seus irmãos, e ninguém o reconhecia disfarçado, pois Exu tem mil faces quando quer. Ele vingou-se por ter sido esquecido, semeando sobre o reino dos Orixás toda sorte de desgraça, intriga, confusão e desentendimento. Não demorou muito para que as festas religiosas fossem proibidas em virtude da balbúrdia e dos problemas que traziam. Os sacerdotes, então, foram procurar um babalaô nas portas da cidade. O babalaô saberia o que estava acontecendo por que ele é o sacerdote que comanda e possui o poder de ver nos búzios o destino de cada um. Ele abriu os búzios e disse que Exu falava no jogo e estava furioso por ter sido esquecido por todos, que por isso exigia dos homens que os primeiros sacrifícios fossem dele, e que os cânticos de toda e qualquer cerimônia fossem, primeiro, sempre para ele, pois ele era o mensageiro entre Orun e Ayé, ele vivia entre o mundo dos homens e dos deuses, somente ele sabia o caminho. O babalaô disse que Exu pediu um bode e quatro frangos, mas os demais sacerdotes caçoaram dele, dizendo não haver motivo para se preocupar com um Orixá menor como Exu, não dando importância ao que este dizia. Só que, quando quiseram se levantar para ir

embora, não podiam se mexer, suas pernas estavam imóveis e não podiam se levantar. Era mais uma das artimanhas de Exu. Há quem jure que sua gargalhada pôde, então, ser ouvida ao longe. O babalaô pediu respeito e, recitando cânticos em nome de Exu, ajudou cada um a se levantar. O babalaô os aconselhou a fazer o que ele mesmo fazia, pois Exu é mensageiro, Exu corre o mundo e tanto pode trazer quanto levar: que dessem primeiro de comer para acalmar Exu.

Há outras tantas lendas, mas essas duas falam especificamente sobre aquilo que é característica primeira de Exu: ele é o mensageiro, portanto, deve comer primeiro, para levar as mensagens e oferendas aos outros deuses. Exu rege a encruzilhada, isto é, a junção de todos os caminhos, por que ele é cuidadoso com as ordens do Pai Oxalá.

Exu é caridoso. Há lendas que também o descrevem curando doentes e trazendo riquezas a mendigos e pessoas humildes. Mas nem por isso, Exu é menos exigente, pois castiga severamente aqueles que não cumprem com suas obrigações, ou que não lhe dão aquilo que é devido.

Características Gerais de Exu

Hábitat	Rua e Encruzilhada
Sincretismo	Diabo Católico
Vibração	Problemas materiais, emprego, dinheiro, fertilidade, sexualidade
Assuntos Relacionados	Materialidade e Dinheiro
Parte do Corpo	Órgãos genitais, aparelho reprodutor, mãos e boca.
Dia da Semana	Segundas-Feiras
Fase da Lua	Lua Crescente
Essências	Tabaco e Rosa Vermelha

Horários mais Favoráveis	Da meia-noite às 3h – soluções de problemas materiais. Preto e Vermelho
Cores	Turmalina Negra e Ônix
Pedras	Ferro
Metal	Rosas vermelho-escuras, Dálias vermelho-escuras, Gérberas.
Flores	Arruda, Colônia e Folha-da-Fortuna
Banhos de descarrego	Para os filhos de Exu 148 Contas (alternando uma vermelha e uma preta, fechando o fio com um "olho de exu", também conhecido como "tento"). Para os filhos de outro Orixá 106 Contas (formando a sequência: catorze contas, alternando vermelho e preto, sete pretas e sete vermelhas, seguido por uma conta branca média – repete sete vezes; fecha-se o fio com uma firma branca).
Guias	

Comidas & Bebidas de Exu

"Exu é servido primeiro, pois ele é o mensageiro, sem o qual nada se faz nos terreiros".

Exu bebe e bebe muito. Bebe gin e cachaça, batidinha de coco e pinga, bebe mel com aguardente. Mas Exu também come muito, e seu prato favorito é a farofa (feita com mel, água, azeite de dendê ou aguardente), mas Exu também come o bom xinxim de bofe. Já Pombagira prefere a farofa doce e seus corações na pimenta.

Assim, para regalar Exu e Pombagira, veja as receitas:

Farofa de Azeite-de-Dendê

Frite numa frigideira com azeite de dendê uma porção de cebola (ralada ou picada, conforme o gosto da cozinheira). Despeje farinha de mandioca torrada.

Mexa até ficar bem sequinha. Querendo, também pode fritar junto com a cebola alguns camarões secos.

Farofa de Água Quente

Põe-se farinha crua de mandioca num prato fundo e faz-se uma cavidade no centro, com o dedo. Ali vai-se despejando água bem quente com sal, mexendo sempre até a farofa ficar bem soltinha. Também se pode juntar um pouco de azeite de dendê na água quente.

Também existem as farofas frias que, em geral, servem aos despachos nas encruzilhadas: consiste em apenas misturar a farinha de mandioca torrada a certa quantidade do líquido que se deseja, nunca misturando mais de um líquido, isto é, dendê, água, mel ou aguardente (também pode ser feito com *gin* ou Martini). Esse tipo de farofa serve tanto a Exu quanto a Pombagira.

Xinxim de Bofe para as festas de Exu

2 kg de bofe fresco (pulmão de boi)
½ kg de camarões frescos ou secos
2 cebolas
3 tomates
Coentro, coentro largo e cebolinha (à vontade)
2 xícaras de azeite de dendê
1 garrafa pequena de leite de coco
Alho socado com sal
2 colheres (sopa) de farinha de camarão
1 colher (sopa) de farinha de amendoim
1 colher (sopa) de farinha de castanha
Óleo